

# Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 74 · Nº 795 · €1,90

Agosto 2013

## Evolução Teísta

*Implicações da tentativa de combinar a atuação divina com processos naturais*



**A guarda do Sábado**  
Como guardar verdadeiramente o Sábado?



26

**Minneapolis 125 anos depois**

A importância crucial da Assembleia de 1888.



33

**Curvatura do Tempo no Muro das Lamentações**

A verdade do Evangelho permanece a mesma.

# Revistas

para a  
**criança**



para o  
**jovem**



para a  
**família**



Revista Adventista, Saúde&Lar,  
Zona Y, Nosso Amiguinho

Informe-se já!

**21 962 62 00**

Rua da Serra, 1 – Sabugo  
2715-398 Almargem do Bispo  
Fax: 21 962 62 01



"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

## índice

	<b>BÍBLIA</b> <b>16</b> Fazendo distinção entre dias – Uma explicação de Romanos 14:5 e 6 Está o Sábado posto em causa em Romanos 14:5 e 6?
	<b>SAÚDE E TEMPERANÇA</b> <b>24</b> A tendinite A tendinite é a forma do seu corpo lhe dizer: "Já chega, é de mais!"
	<b>PÁGINA DA CRIANÇA</b> <b>32</b> A estátua simpática

### EDITORIAL

**04 A importância da Bíblia no mundo em que vivemos**

**05 Memo**

### TEOLOGIA

**06 A guarda do Sábado – O assunto que ninguém ousa tocar, por temor de ser rotulado como legalista!**

Deveríamos estar abertos e sensíveis a todas as tentativas de libertar o Sábado do legalismo e das regras de feitura humana estranhas ao seu espírito e propósito.

### ARTIGO DE FUNDO

**10 Evolução Teísta**

**– Implicações da tentativa de combinar a atuação divina com processos naturais**

A rejeição da Criação literal, histórica e sobrenatural relatada em Génesis põe em cheque a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que consiste em proclamar Deus como Criador no contexto do Evangelho Eterno.

**14 Notícias Nacionais**

- UPASD
- ASI
- Vila Franca de Xira
- Sacavém
- Póvoa de Santa Iria
- Fundão
- Coimbra

### CIÊNCIA E RELIGIÃO

**21 A matemática de Deus – Parte V**

Vamos continuar a nossa contagem, com a análise dos números Nove a Doze, procurando neles lições espirituais.

### HERANÇA ADVENTISTA

**26 Minneapolis 125 anos depois**

A assembleia de 1888 foi um dos mais importantes acontecimentos na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

### CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

**30 O resgate final – Palavras de esperança para os tempos mais difíceis**

As Suas lágrimas falam-nos de um Salvador que compreende as nossas lágrimas.

### REFLEXÃO

**33 Curvatura do Tempo no Muro das Lamentações**

"Ali estávamos nós, Judeus, 2000 anos após a Cruz, na área do Templo de Jerusalém, e discutindo sobre o facto de Jesus ser o Messias!"

### INFORMAÇÃO

**34 II Conferência Consciência e Liberdade**

A realização anual da Conferência *Consciência e Liberdade* tem sido um instrumento útil para a reflexão sobre matérias relacionadas com a liberdade religiosa.



Antônio Rodrigues

# A importância da Bíblia no mundo em que vivemos

A Bíblia é um livro amado e odiado. No entanto, a maioria daqueles que supostamente a odeiam nunca tiveram o privilégio de a ler. Relembro que a própria Bíblia nos diz claramente, em Romanos 15:4, que “tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança”.

As pessoas desconhecem a Bíblia, porque não encontram tempo para a ler. É possível encontrar muitas pessoas que, na sua casa, possuem lindas e dispendiosas bibliotecas, guardando nelas as mais famosas obras seculares de diferentes áreas do saber. No entanto, são poucos os casos em que a Bíblia Sagrada é encontrada nessas bibliotecas privadas ou, se aí é encontrada, na maioria dos casos serve apenas como um adorno, não tendo o destaque merecido nem servido o objetivo para o qual foi escrita.

O ser humano até pode conhecer bem os livros de contabilidade necessários para o seu negócio, os livros científicos indicados para o seu curso superior, pode ler os mais famosos romances, para sonhar com uma vida feliz, mas tudo isso é vão, pois nenhum outro livro pode dar o que a Bíblia dá: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32). Pela sua leitura, descobrimos que o resultado final de se ler atentamente a Bíblia será “a vida eterna” (I João 2:25).

De facto, a Bíblia é um livro muito especial. Ela é o Livro dos livros, porque é um livro inspirado. Como escreveu o apóstolo Pedro: “A profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (II Pedro 1:21). Grande parte do mundo tem os olhos fechados

para a verdade bíblica. Boa parte dos seres humanos encontra-se na mesma situação em que se achavam os discípulos de Emaús. Estes caminhavam, mas não conseguiram ver Jesus, até ao momento em que os seus olhos se abriram e reconheceram o Mestre. Na verdade, ler a Bíblia sem reconhecer Jesus como Mestre e Salvador é fazer dela um livro comum. O apóstolo Pedro é claro quando afirma que “nos últimos dias virão escarnecedores com zombaria, andando segundo as suas próprias concupiscências” (II Pedro 3:3). No entanto, se os seres humanos querem ser salvos, devem encontrar a Salvação no único livro que a anuncia: a Bíblia Sagrada. Portanto, caro Leitor, não menospreze a Bíblia. Esquadrinhe-a, leia-a, e encontrará nela a Salvação. Permita-me terminar com uma advertência impressionante da parte da serva do Senhor.

“Poder-se-á ler a Bíblia, mas bem pouco benefício, porém, se tira de uma leitura apressada das Escrituras. Poder-se-á ler a Bíblia inteira e, contudo, deixar de reconhecer-lhe a beleza ou compreender-lhe o sentido profundo e oculto. Uma passagem que se estude até que o seu sentido seja claro ao espírito e evidente a sua relação com o Plano da Salvação, é de maior valor do que a leitura de muitos capítulos sem ter em vista nenhum propósito definido e sem se adquirir nenhuma instrução positiva. Levai convosco a Bíblia. Quando tiverdes oportunidade, lede-a; fixai as passagens na memória. Mesmo enquanto estais a andar pela rua, podeis ler uma passagem e meditar sobre ela, fixando-a assim.” Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 105. ♣

• **Antônio Rodrigues**  
Presidente da UPASD

## Dias Especiais e Ofertas

## A G O S T O

01-11	ACNAC Desbravadores
04	Término do Congresso Pan-Europeu JA
12-22	ACNAC Companheiros e Sêniores
22	Início do Impacto 2013
23	Início do Acampamento Nacional de Famílias

## S E T E M B R O

01	Término do Impacto 2013
01	Término do Acampamento Nacional de Famílias
06-08	Encontro Nacional dos Ministérios da Criança
08	Encontro Nacional de Colportores
08-14	Semana da Família
21	Jornadas JA/Dia do Desbravador
21	Dia de Sensibilização contra o Abuso e a Violência
28	Dia das visitas da Escola Sabatina
29	Conselho Nacional de Educação

## A G O S T O

05-09 – Associação Morávia-Silésia (CSU)  
 12-16 – União Portuguesa (PU)  
 19-23 – União do Sul da Alemanha (SGU)  
 26-30 – Seminário Teológico Sazava (CSU)

## S E T E M B R O

02-06 – Seminário Teológico Bogenhofen (AU)  
 09-13 – Associação da Boémia (CSU)  
 16-20 – Faculdade Vila Aurora (IU)  
 23-27 – Faculdade Marienhöhe (EUD)  
 30-04 outubro – União Austríaca (AU)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



## Antes que o Sol se ponha

O tempo passa rápido, velozmente;  
 Muito em breve o presente será passado.  
 Que possamos libertar a nossa mente  
 Da insensatez, do medo e do pecado...

É tempo de decidir, enquanto é dia,  
 Antes que o Sol se ponha, lá nos Céus,  
 Devemos testemunhar, levar alegria  
 A todos os que estão longe de Deus...

Há uma esperança que refulge no horizonte,  
 Para todo aquele que quiser beber da fonte  
 Dessa luz que ainda brilha e não tem fim...

Olhemos para Jesus, o Salvador!  
 Que a todos quer abraçar com terno amor  
 E não Se cansa de chamar – Ó vinde a Mim!

**Manuela Matos**  
 IASD Vila Nova de Gaia

ANTENA 1

## FÉ DOS HOMENS

RTP2

RTP2, a partir das 18h  
 ANTENA 1, a partir das 22h47

- 12/08 (segunda-feira)
- 02/09 (segunda-feira)
- 23/09 (segunda-feira)

RTP2 ANTENA 1

## CAMINHOS

RTP2, às 09h  
 ANTENA 1, a partir  
 das 06h  
 25/08 (domingo)

Envie os seus textos para:

Revista Adventista (A/C Lara Varandas)  
 Publicadora SerVir, S. A.  
 Rua da Serra, 1 – Sabugo  
 2715-398 Almargem do Bispo

ou para: [lara.pservir@sapo.pt](mailto:lara.pservir@sapo.pt)



O assunto que ninguém ousa tocar, por temor de ser rotulado como legalista!

# A GUARDA DO Sábado

Com a boca escancarada, estou sentado na cadeira do dentista e ouço a conversa entre ele e a sua assistente. Estão a falar acerca de um casal jovem, em que o rapaz é filho do dentista. O casal está prestes a ter um filho e a assistente do dentista quer saber notícias desse casal, de como está a correr a gravidez e de como se arranjam com a lida da casa.

**Assistente:** Como se portou o seu filho nesta tempestade de neve?

**Dentista:** Chumbou no teste.

**Ass.:** O que quer dizer?

**Den.:** Bem, ele só limpou a neve no domingo à noite.

**Ass.:** Mas ele não tinha uma pá?

**Den.:** Sim, tinha. Mas, sabe, eles não podem limpar a neve no Sábado.

**Ass.:** O quê?

**Den.:** Ele podia tê-lo feito no Sábado à noite, mas, por uma razão qualquer, não o fez. Por isso, quando lá cheguei no domingo, a neve tinha endurecido.

**Ass.:** Bom, mas ele não teve que usar o carro?

**Den.:** No Sábado eles não conduzem. Eu conduzo, mas eles não.

**Ass.:** A sério?!

**Den.:** Acho que se o bebé vier no Sábado, só saberemos no Sábado à noite ou no domingo.

**Ass.:** Porquê?

**Den.:** Porque eles não usam o telefone ao Sábado.

**Ass.:** Mas como vão eles para o hospital?

**Den.:** Oh, nesse caso podem conduzir, porque se trata de uma emergência.

Enquanto os ouvia, não podia deixar de pensar que nós, Adventistas, somos muito mais liberais nas nossas práticas de Sábado do que os Judeus Ortodoxos – e (a meu ver) muito mais razoáveis.

Mas haverá um reverso da medalha?

### Oscilações

Quando Jesus veio, encontrou uma nação emaranhada numa infinidade de regras sabáticas de fabricação humana, erradamente destinadas a proteger o dia sagrado. Recentemente, ao ler o Evangelho de João, dei comigo a abanar a cabeça, como se não tivesse lido aquele texto uma centena de vezes antes. O quadro era o daquela cena deprimente junto ao tanque de Betesda, onde “jazia uma grande multidão de enfermos: cegos, coxos, paralíticos”. Chegando àquele cenário horrível, Jesus descobre um homem que estava inválido há 38 anos, cura-o e, depois, ordena-lhe: “Levanta-te, toma a tua cama e anda” (Ver João 5:1-8).

Qual foi a reação dos líderes religiosos perante este espantoso acontecimento? Alegria por verem este homem, que antes era um destroço sem vida própria, agora radiante de saúde, sem dores nem sofrimento? Só havia um problema: Todo aquele emocionante incidente cheio de alegria e de vida tinha tido lugar no dia de Sábado! “É Sábado”, disseram eles ao homem radiante, “não te é lícito levar a cama. Quem é o homem que te disse: toma a tua cama e anda?” (João 5:9-12).

Incrível! Em vez de ficarem felizes e mudos de alegria e de espanto, eles procuraram matar uma pessoa por ter quebrado uma das suas inventadas regras sabáticas.

Esse tipo de abusos em relação ao Sábado tornou-nos temerosos no que respeita às discussões sobre a guarda desse dia sagrado. Mas a sabedoria está em sabermos quando é que o pêndulo oscilou demasiado. Se Jesus entrasse no nosso quadro hoje, a Sua ênfase sobre a guarda do Sábado seria a mesma?

Ou, ao contrário, acusar-nos-ia Ele de fazermos com o dia de Sábado o que os Judeus do Seu tempo tinham feito com o Templo?

Deveríamos estar abertos e sensíveis a todas as tentativas de libertar o Sábado do legalismo e das regras de feitura humana estranhas ao seu espírito e propósito. E sinto-me feliz com os esforços feitos nos últimos cinquenta anos para desenvolvermos uma teologia do Sábado que aponta para o significado e para a importância mais profunda da instituição no contexto moderno. Mas, com as centenas de milhar de novos membros que entram na Igreja Adventista todos os anos, parece-me apropriado, de tempos a tempos, chamar a atenção para o importante tema da

dária, deu-se o caso de eu assistir a algumas reuniões evangelísticas que eles estavam a fazer numa sala pública e fiquei impressionado. Ingressei numa escola secundária longe de casa e, por estranha coincidência (vendo bem, foi providência), encontrei-me como inquilino na casa da irmã Susannah Davidson, uma senhora Adventista de há muito e com uma boa reputação na igreja local. Aqui encontrei o Sábado pessoalmente, pela primeira vez.

Na casa da irmã Davidson, todos tinham as suas tarefas caseiras na sexta-feira à tarde, trabalhando juntos com o único objetivo de ter tudo feito quando chegasse o pôr do Sol. Nesse momento, a casa estava limpa, os banhos tinham sido tomados, as nossas roupas ficavam

## Deveríamos estar abertos e sensíveis a todas as tentativas de **libertar o Sábado** do legalismo e das regras de feitura humana estranhas ao seu espírito e propósito.

guarda do Sábado. O meu medo é que, se tomarmos esse elemento vital como algo adquirido, acabe por chegar o momento em que a nossa observância do Sábado se torne muito semelhante à forma como a maioria dos nossos amigos Cristãos guardam o domingo.

### O Sábado na casa da irmã Davidson

Como adolescente anglicano, sempre soube da existência dos Adventistas na pequena comunidade onde cresci e, tal como a minha família, desprezava-os. Mas, pouco antes de entrar na escola secun-

prontas, a refeição de Sábado tinha sido preparada e, enquanto toda a gente se reunia na sala de estar à volta do piano para o culto do pôr do Sol, a casa enchia-se do aroma de pão acabado de cozer – uma deliciosa lembrança de que o jantar se seguiria. Para alguém que acabava de entrar em contacto com a guarda do Sábado, não podia ter pedido um exemplo melhor.

O Sábado era o momento de usarmos o que tínhamos de melhor, fosse lá o que fosse. Vestíamos-nos de maneira que mostrava o valor que atribuíamos a esse dia, ao ponto de reservarmos o melhor

para usar nele. E era considerada boa prática de Sábado chegarmos à igreja a cheirar bem. Quando Ellen White falou acerca dos banhos serem tomados antes do Sábado, penso que ela falava com base no que se passava no seu tempo. Nessa altura, tomar um banho era uma coisa complicada. A água tinha que ser trazida – talvez de um poço – e levada para o quarto-de-banho. Se fosse inverno, seria necessário acender uma fogueira para a aquecer. E, se tivermos em conta que, na maioria dos casos, se tratava de famílias numerosas, não é difícil vermos a necessidade de ter esses trabalhos realizados antes do Sábado.

Creio que o princípio que estava por detrás dessa norma ainda é válido hoje. E acho difícil começar bem o Sábado sem ter tomado um banho antes. Usando um bom desodorizante, um banho na sexta-feira pode chegar para a maioria das pessoas aguentarem ao longo do dia de Sábado, mas para aqueles cuja química corporal o exija, será apropriado tomarem um segundo banho no Sábado de manhã. Os Cristãos não deveriam exalar um mau odor corporal, e não podemos interpretar Ellen White de maneira a dar-nos desculpa para ofendemos os outros adoradores desse modo.

Foi na casa da irmã Davidson que aprendi muitas das coisas que agora ponho automaticamente em prática, no que respeita a afastar revistas ou livros seculares da

minha mesa de pequeno-almoço no dia de Sábado, ou a mantê-los fora de vista; manter o rádio e a televisão desligados; ouvir música religiosa – ou apenas o silêncio a encher a casa; ter comida especial preparada.

Aprendi que o Sábado tem que ver com a atmosfera; com uma mudança radical de ritmo; com dar espaço a Deus; com arranjar tempo para uma comunhão especial com Ele. Tem que ver com a eliminação de todas as invasões, na medida das nossas possibilidades, de maneira a criar um ambiente em que a espiritualidade seja fortalecida.

O autor da letra do hino disse, com acerto:

“Hora feliz do pôr do Sol,  
Hora de paz e comunhão,  
Hora de luz celestial,  
Hora de fé e de oração”  
(H. A., n° 30).

### **Será que Deus Se preocupa com o modo como guardamos o Sábado?**

Como sabemos, o Sábado teve a sua origem na Criação, quando Deus deu o exemplo supremo ao descansar do Seu trabalho criativo. Mais tarde, Ele tornou explícita a Sua vontade no coração do Decálogo, convidando-nos a “não trabalhar” nesse tempo sagrado (Ver Êxo. 20:8-11).

Mas trata-se de um período de 24 horas; nós somos seres humanos; e a vida tem de continuar. Por isso, a ordem de “não trabalhar” requer alguma interpretação.

Nesta questão, aceito como importante a clarificação que encontramos em relação à Festa da Páscoa, uma vez que – podemos assumir logicamente – o repouso com ela ligado (e com as outras antigas observâncias) era organizado de acordo com o Sábado semanal. Tanto no primeiro como no sétimo dia da celebração da Páscoa, o povo devia ter “uma santa convocação”. Não deviam fazer absolutamente nenhum trabalho nesses dias, a não ser preparar os alimentos para cada um comer – era tudo o que lhes era permitido fazerem (Êxo. 12:16).

Aqui temos uma interpretação crítica da ordem de “não trabalhar”. O Sábado não é para jejuar; devem preparar-se alimentos e isso implica algum trabalho.

Mas, em Êxodo 16, temos mais uma dica no que respeita ao trabalho mencionado aqui. As pessoas deviam recolher apenas o maná suficiente para cada dia, dado que o excesso se estragava de um dia para o outro. Na sexta-feira, no entanto, deviam juntar o suficiente para dois dias, e não se estragava. Explicando o fenómeno, Moisés disse: “Isto é o que o Senhor tem dito: Amanhã é repouso, o santo Sábado do Senhor: o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e, tudo o que sobejar, ponde em guarda para vós até amanhã” (Êxo. 16:23). Por teimosia ou curiosidade, algumas pessoas saíram no Sábado para procurar o maná, “mas não o encontraram”

(v. 27). Assim, Deus fez uma clara distinção entre o Sábado e o resto da semana. Exatamente o que eles prepararam e como o comeram, não sabemos. Mas, segundo Êxodo 35:3, não deviam “acender fogo em nenhuma das suas moradas no dia de Sábado”.

Quer isso dizer que, hoje, só devemos comer comida fria no dia de Sábado? Uma vez aprendi o que significa responder sim a essa pergunta. Como aconteceu muitas vezes em viagem, não tinha comido uma refeição em condições nessa sexta-feira à noite, e o pequeno-almoço foi composto pelo pouco que os meus anfitriões tinham guardado no frigorífico do quarto de hóspedes que me prepararam. Por isso, durante toda a manhã tinha estado à espera do almoço, especialmente depois de pregar em duas igrejas diferentes antes do meio-dia – e também porque tinha mais dois sermões na agenda, em duas outras igrejas, à tarde.

Mas, infelizmente, o almoço estava horrivelmente frio – o arroz, as batatas, a sopa, tudo. Tento sempre ser flexível, mas, nesse dia, achei impossível engolir a comida, e, assim, preguei todo aquele Sábado com fome. É isso que Deus quer? Duvido!

Uma forma de compreendermos a passagem acerca de não acender o fogo, creio, é vê-la no seu contexto. Se tentarmos imaginar o que teria parecido o acampamento israelita com o fumo de mais de cem mil fogueiras a cobrir os campos, então percebemos que essa não era a atmosfera que Deus queria para esse tempo sagrado. Em muitos lugares hoje, por outro lado, o processo de produzirmos calor para aquecer a comida é tão simples como lavar os dentes. E, embora pense que, como os antigos israelitas, devemos preparar o conjunto dos nossos alimentos an-

tes do Sábado, não vejo nenhuma boa razão para os comermos frios. O esforço para os aquecermos não é maior do que o necessário para os levarmos para a mesa. Preparar comida agradável ao paladar é o tipo de trabalho feito antecipadamente em Êxodo 12:16.

A intenção de Deus é que o Sábado seja um dia de renovação. Num texto cheio de beleza poética, “o profeta do Evangelho”, Isaías, faz uma descrição das bênçãos que esperam todos os que honram Deus no contexto deste dia sagrado. “Se desviares o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no Meu santo dia, e se chamares ao Sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da Terra, e te sustentarei com a herança do teu pai Jacob” (Isa. 58:13 e 14).

Comparando este texto com o seu “irmão” em Jeremias 17:19-26, penso que significa que, no Sábado, as minhas atividades e pensamentos devem ser canalizados numa direção diferente daquela em que estão nos outros dias da semana, de acordo com a santidade dessas horas especiais. Se sou comerciante, não vendo ao Sábado. Se sou eletricitista, não faço instalações ao Sábado. Se sou advogado, não trato de casos ao Sábado. Se sou estudante, não vou às aulas ao Sábado. E se sou pastor, médico ou enfermeira, então o Sábado produz uma modificação (embora não necessariamente uma paragem total) na minha atividade.

Há exceções, claro – no caso de emergências ou de situações especiais. Quando se dá um desastre, por exemplo, respondemos da maneira que nos parece mais adequa-

da. Reparamos pneus; salvamos pessoas de um edifício em chamas; cozinhámos; juntámos madeira; cavámos trincheiras; construímos uma casa; viajamos longas distâncias; cozemos pão – o que for necessário na crise. Mas se, em situação normal (é um exemplo), deliberadamente pomos de lado o Sábado como momento ideal para pintarmos a casa da viúva Joana ou para cortarmos a sua relva – coisas que bem podiam ser feitas num domingo ou na quarta-feira – então algo está errado nesse quadro.

Aqui, em Isaías, Deus está a dizer que, se eu tiver o cuidado de observar o Sábado como Ele quer, então Ele vai abençoar-me com uma infinidade de coisas boas, algumas das quais nem sequer percebo o que são – como “sustentarme com a herança de Jacob”, e tudo o resto. A mim, parecem-me coisas fantásticas!

Os Adventistas, especialmente no mundo industrializado, estão tremendamente ocupados durante a semana e, por isso, têm a tendência de meter muitas coisas nas horas de Sábado. Mas o nosso objetivo devia ser sempre o de libertar o Sábado de todas as coisas desnecessárias. Uma das melhores tardes de Sábado que já passei foi na Ilha de Tobago, no Caribe, quando os jovens planearam uma reunião de jovens informal e um fim de Sábado num campo perto do mar. À medida que o grande Sol vermelho mergulhava no horizonte, com o seu brilho dourado a encher o céu de beleza, vinham-me à mente palavras de hinos que falavam desse dia em que, finalmente, viveremos o Sábado no Céu.

E serão Sábados maravilhosos com Jesus. Não acha?! 

**• Roy Adams**  
Editor-associado da  
*Adventist Review*

Artigo de Fundo

Wellington dos Santos Silva

# EVOLUÇÃO TEÍSTA

Implicações  
da tentativa  
de combinar a  
atuação divina  
com processos  
naturais

O biólogo Ernst Mayr, no livro *Biologia: Ciência Única*, escreveu que nenhum outro livro, exceto a Bíblia, teve maior impacto no pensamento moderno do que o livro de Charles Darwin, *A Origem das Espécies* (1859).<sup>1</sup> O que talvez poucas pessoas saibam sobre esta obra é que ela apresenta a proposta de um mecanismo naturalista, excluindo qualquer intervenção sobrenatural, para explicar as mudanças ocorridas nos seres vivos e o surgimento de novas espécies.

Na época de Darwin, muitos naturalistas tinham proposto algum tipo de mecanismo que combinasse a atuação divina com processos naturais. Para muitos, a abolição dessa espécie de evolução teleológica foi a mais significativa e a menos aceitável das sugestões de Darwin. *A Origem das Espécies* não reconhecia a existência de qualquer objetivo posto de antemão por Deus ou pela Natureza.<sup>2</sup>

Darwin estava tão determinado em remover todo e qualquer esclarecimento sobrenatural para explicar a origem das espécies que discordou até de Alfred Wallace, coautor da teoria da seleção natural. Um dos mais destacados defensores de Darwin, Thomas Huxley, teve dificuldades no início para aceitar a ideia de seleção natural como um processo totalmente mecanicista para a evolução das espécies.

### Seleção natural

Em termos simples, a seleção natural é um processo por meio do qual os indivíduos portadores de um gene vantajoso deixam mais descendentes do que outros que não o possuem. Num mundo cheio de competição, somente os mais aptos sobreviveriam e deixariam descendentes. Por causa disso, alguém disse que o mundo desenhado pela seleção natural não passa de um mundo cheio de sexo e morte.

Muitos anos depois, a comunidade científica reconheceu o darwinismo como a contribuição mais importante para a explicação da evolução biológica, passando a considerá-lo sinônimo de evolução. A Biologia acadêmica em voga no momento está rigidamente comprometida com uma forma reducionista e materialista de mecanicismo que, com frequência, lança mão da evolução darwiniana para apoiar as suas ideias. Theo-

dosius Dobzansky, um dos fundadores do neodarwinismo, chegou a afirmar: “Nada na Biologia faz sentido, exceto à luz da evolução.”<sup>3</sup> Esta frase ganhou tanta força que extrapolou os limites da Biologia e hoje, em praticamente todas as áreas do conhecimento, tudo é analisado pelas lentes do paradigma darwiniano. Nem mesmo a Teologia ficou imune aos efeitos dessa teoria.

John F. Haught, professor de Teologia da Universidade de Georgetown, publicou um livro intitulado *Deus após Darwin: Uma teologia para a evolução*.<sup>4</sup> Nesta obra, Haught apresenta uma proposta

## A rejeição da Criação literal, histórica e sobrenatural relatada em Génesis põe em causa a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que consiste em proclamar Deus como Criador.

de harmonização do darwinismo com a teologia Cristã. Ele argumenta que o perturbador quadro darwiniano da vida, longe de ser hostil à religião, na realidade apresenta um cenário muito fértil para uma reflexão “madura” sobre Deus. Muitos teólogos e cientistas na atualidade defendem essa posição, que é conhecida como *Evolucionismo Teísta*.

A esta altura, pergunto: Como pode um Cristão Adventista do Sétimo Dia, que crê na Bíblia como sendo a Palavra de Deus, encontrar sentido numa visão do mundo em que impera a competição,

o sexo e a morte? Desde os seus primórdios, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem defendido, com base no relato bíblico, a tese de que houve uma Criação do mundo. Enquanto instituição religiosa, o seu modelo de doutrinas e crenças leva em conta a revelação e a verdadeira Ciência. Uma das doutrinas fundamentais da Igreja é a doutrina da Criação.

### A posição da Igreja

A Igreja Adventista defende uma interpretação literal do texto de Génesis e, portanto, afirma que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo dia, o Sábado (*Manual da Igreja*, 2010, p. 164). Mesmo assim, está a enfrentar problemas com uma nova teoria que tenta infiltrar-se na mundividência Adventista. A ideia de uma Criação em dias não literais e a perspectiva evolucionista para entender o tempo da Criação está a ser adotada por alguns teólogos Adventistas.<sup>5</sup>

Os que procuram harmonizar a evolução com as crenças Cristãs tentam relacionar a meta-narrativa evolutiva com a narrativa bíblica descrita em Génesis 1 e 2. Entretanto, esta tentativa de harmonizar a Criação e a evolução envolve muito mais do que harmonizar uma teoria biológica com Génesis 1 e 2. Para harmonizar a Criação com a evolução, é preciso deixar de reconhecer que a doutrina da Criação se sustenta sobre uma complexa metodologia teológica, na qual desempenha importante papel hermenêutico, e que a Criação é um componente que não se pode desligar da lógica interna do pensamento bíblico, pois, caso contrário, substituir-se-ia o óbvio significado histórico do registo do Génesis por uma interpretação “teológica”. Norman Gulley analisou o que aconteceria com as verdades bíblicas, se a Igreja Ad-

ventista do Sétimo Dia aceitasse a evolução teísta.<sup>6</sup> Vejamos algumas dessas implicações.

### **Implicações sobre a cosmovisão bíblica**

A evolução teísta é uma visão das origens que aceita que Deus começou o processo da evolução. Mas essa visão tenta casar duas cosmovisões mutuamente exclusivas: sobrenaturalismo (teísmo) e naturalismo (evolução). O sobrenaturalismo é a crença de que Deus criou o mundo sem nenhuma dependência da Natureza. O naturalismo supõe que a Natureza evolui sem nenhuma dependência de Deus. Se um exclui o outro, é impossível misturá-los. Por exemplo, porque é que um Deus onipotente precisaria de um longo processo para criar? Porque um Deus onisciente precisaria de tantas tentativas e erros ao longo do processo criativo? Por que razão o Deus que ordena que “tudo [...] seja feito com decência e ordem” (I Cor. 14:40) faria o oposto no tortuoso processo de evolução através de longas eras? Porque o Deus que Se opõe à Salvação pelas obras (Efé. 2:9) usaria a sobrevivência do mais forte como o método da Criação?<sup>7</sup> Porque um Deus de amor usaria a

morte para criar os seres humanos à Sua imagem (Gén. 1:26 e 27)? Se Ele usou a morte para criar, porque avisou Adão sobre as suas consequências (Gén 2:17)? Porque expôs Ele a hediondez do mal por meio da morte do Filho de Deus, precisamente para salvar da morte os seres humanos (João 3:16; Rom. 6:32)? Se a morte é o último inimigo a ser destruído no fim da controvérsia entre o Bem e o Mal (I Cor. 15:26), como poderia Deus tê-la usado no processo da Criação, antes e depois do início da controvérsia?

Em 1991, o filósofo da Ciência David Hull avaliou o processo evolutivo como “repleto de acaso, contingência, desperdício incrível, morte, dor e horror. [...] O Deus implícito na teoria evolucionista não é o Deus amoroso que cuida das Suas produções. Ele é descuidado, indiferente, quase diabólico. Certamente não é o tipo de Deus a Quem qualquer um estaria inclinado a orar”.<sup>8</sup> Em todos estes exemplos, a evolução teísta questiona a Palavra de Deus, apresentando uma cosmovisão humana no lugar da cosmovisão bíblica.

Deve-se olhar para todas as verdades bíblicas à luz da maior revelação de Deus no Calvário. A

revelação no Calvário é um facto histórico. Houve testemunhas. Como tal, provê evidência empírica – histórica – de como Jesus exemplificou o amor divino, a ponto de pedir ao Seu Pai que perdoasse aqueles que se lançaram cruelmente sobre Ele (Lucas 23:34). Admitir que Cristo, na condição de Criador (Heb. 1:1 e 2), fizesse sofrer as Suas criaturas durante milhares de milhões de anos não é um facto histórico, mas uma pressuposição metafísica que o Calvário põe vigorosamente em questão.

O facto de que o Universo expectante clamou de alegria na Criação (Job 38:4-7) seria inexplicável, se Cristo, no ato de criar, tivesse causado o sofrimento animal ao longo de milhares de milhões de anos. Cristo disse que a Criação era “muito boa” (Gén. 1:31), mas quem chamaria ao processo tortuoso da evolução “muito bom”? Depois da ascensão de Cristo, os seres celestes adoraram-n'O como digno de glória pelo facto de ter criado todas as coisas (Apoc. 4:10 e 11).

A advertência de Cristo aos nossos primeiros pais, dizendo que morreriam, se comessem do fruto da árvore do conhecimento do Bem e do Mal (Gén. 2:17), indi-



ca que a morte ainda não era uma realidade. O mal e a morte estão associados com a desobediência ao Criador. Tal desobediência traria a maldição sobre a Natureza e sobre Adão e Eva (Gén. 3:17-19).

É por isso que as Escrituras afirmam que “por um só homem entrou o pecado no mundo” (Rom. 5:12). Foi Adão, não o Criador, que trouxe a morte a este Planeta. Foi Cristo que veio morrer para libertar a Humanidade caída e, finalmente, extinguir a morte (Rom. 4:25). Um só ato do primeiro Adão causou essa condenação mortal e um só ato do segundo Adão proveu Salvação (Rom. 5:18). Cristo não usou a morte para criar os seres humanos, mas morreu para os salvar.

### O que a evolução teísta faz com o Sábado

Em Génesis 1 há uma correspondência entre os três primeiros dias e os três últimos. Nos três primeiros dias, Deus criou as condições adequadas e nos três últimos preencheu as áreas criadas.

No relato sobre a origem deste mundo, o clímax não é a Criação dos seres humanos – como é no evolucionismo teísta. O clímax é o Sábado,<sup>9</sup> pois a narrativa finda com o Sábado em Génesis 2:1. Karl Barth diz que o Sábado “é realmente a coroação da obra de Deus”, pois “não o humano, mas o divino descanso no sétimo dia é a coroa da Criação”.<sup>10</sup>

A primeira referência ao Sábado (Gén. 2:2 e 3) tem uma estrutura quiástica, na qual se enfatiza a importância do sétimo dia. A bênção de Deus foi dada apenas ao sétimo dia, que foi separado dos outros seis e, dessa maneira, foi santificado. A palavra “Sábado” é derivada da palavra hebraica *sbt*, que significa “cessar” de uma atividade prévia. No sexto dia, Deus considerou a Criação “muito boa” (Gén. 1:31) e,

portanto, completa (Gén. 2:3). Pois “em seis dias, fez o Senhor os Céus e a Terra e, ao sétimo dia descansou e tomou alento” (Êxo. 31:17). Claramente, a obra da Criação foi terminada no sexto dia da semana da Criação, o que contraria um suposto processo macroevolucionário em andamento.

### Evolução teísta versus o Plano da Salvação e a missão da Igreja

Se os seres humanos são o resultado do progresso no interior do desenvolvimento evolutivo natural, não há lugar para a Queda, para a morte como resultado do pecado, para a Lei de Deus, para a revelação da Escritura, para a Salvação por meio de Cristo, para a nova Criação pelo Espírito Santo, para a atual intercessão de Cristo, para a Segunda Vinda e para o Juízo final.

Se a Criação não tivesse sido realizada pelo poder da Palavra de Deus, estaria em xeque a ressurreição futura, a realizar pelo poder da Sua Palavra, bem como a Criação futura dos novos Céus e da nova Terra. Uma vez que a Palavra de Deus na Criação é posta de parte, a Palavra de Deus na Escritura é rejeitada, tornando-se esta num mero produto de uma coleção de fontes orais humanas.

A rejeição da Criação literal, histórica e sobrenatural relatada em Génesis põe em causa a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que consiste em proclamar Deus como Criador no contexto do Evangelho eterno (Apoc. 14:6 e 7). Apocalipse 14 liga as mensagens dos três anjos com a Segunda Vinda de Jesus e coloca-as imediatamente antes da descrição do Segundo Advento. Esta localização contextual sugere que as três mensagens e a promessa da Segunda Vinda constituem uma série de mensagens divinamente elaboradas, que devem

ir a toda a Humanidade, antes da vinda de Cristo. Na hora certa, e de maneira persuasiva, Apocalipse 14:7 contrapõe-se à cosmovisão darwiniana da macroevolução.

A esmagadora evidência do rigor da Criação em Génesis, bem como de toda a Escritura, leva à conclusão de que Deus criou, durante seis dias literais, seguidos por um Sábado literal. Não devemos permitir que a Palavra de Deus seja colocada em dúvida por meio de evidência empírica, mas devemos testar a evidência empírica pela Palavra de Deus, pois, no Adventismo, nada faz sentido, senão à luz da Criação. †

• **Wellington dos Santos Silva**  
Doutor em Genética

1. Ernst Mayr, *Biologia, ciência única: Reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica*, São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 99.
2. T. S. Kuhn, *A estrutura das revoluções científicas*, São Paulo: Editora Perspectivas, 2000, p. 214 e 215.
3. T. Dobzhansky, “Nothing in Biology Makes Sense Except in the Light of Evolution”, *The American Biology Teacher*, 35, 2003, pp. 125-129.
4. J. F. Haught, *Deus após Darwin: Uma teologia evolucionista*, Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 2002, pp. 55-63.
5. B. Bull, F. Guy, E. Taylor, *Understanding Genesis: Contemporary Adventist Perspectives*, Riverside, CA: Adventist Today Foundation, 2006, p. 195.
6. N. Gulley, “What happens to biblical truths if SDA Church accepts theistic evolution?” Second International Faith and Science Conference, Denver, Colorado, august 2004. Boa parte desta conferência foi publicada na revista *Ministério*, jan.-fev. 2005.
7. Ver Henry M. Morris e John D. Morris, *The Modern Creation Trilogy: Scripture and Creation*, Green Forrest, AR: Master Books, 1996, p. 40.
8. D. Hull. “The God of Galapagos”, *Nature*, nº 352, 1991, p. 486.
9. John S. Feinberg, no livro *No One Like Him: The Doctrine of God*, observa que o mandamento do Sábado está ligado à narrativa da Criação de Génesis 1 e 2. Ele considera isso “um tema significativo nestes capítulos”, embora não seja o objetivo total deles. Ele também faz notar que “o resto do Pentateuco deixa bem claro que o outro propósito desse dia é louvar o grande Deus que fez todas as coisas” (p. 573). Compare com Henri Blocher, *In the Beginning*, Downers Grove: IL: Intervarsity, 1984, pp. 52-59, onde o Sábado é o clímax da Criação.
10. Karl Barth, *Church Dogmatics*, Edimburg: T. & T. Clark, 1958, vol. 3/1, p. 223.

## Seminário "Administrar bem é viver melhor" na Póvoa de Santa Iria

O departamento de mordomia da UPASD, em parceria com a igreja Adventista da Póvoa de Santa Iria, realizou o seminário "Administrar bem é viver melhor". O Pastor Daniel Vicente foi o orador convidado. "Há princípios morais transversais a todas as épocas, que nos ajudam a enfrentar a crise em que vivemos."



Foi assim que o Pastor Daniel Vicente pretendeu mostrar à comunidade da Póvoa de Santa Iria que a Bíblia tem dicas muito práticas para a orientação financeira das famílias. O responsável pela mordomia da Igreja em Portugal esteve durante uma semana, de 6 a 10 de maio, a ministrar o seminário sobre administração familiar. A adesão dos cidadãos da Póvoa foi proporcional à importância e atualidade do tema. Durante os cinco dias de conferências, a sala nobre da Associação de Reformados e Idosos da Póvoa de Santa Iria encheu-se de participantes. Este seminário teve uma forte componente prática e mostrou que a Bíblia é um livro que provê respostas para todas as situações da vida.

AD7/RA

## A Igreja Adventista passou na RTP Madeira

Tendo o 13 de maio como pretexto, o programa *Madeira Viva*, da RTP Madeira, dedicou o seu espaço à temática da fé. O pastor Rui Bastos, ministro do culto da Igreja ASD, e a Dra. Cristina Ferreira, antropóloga, foram os convidados da jornalista Xana Abreu. O Pastor Rui Bastos aproveitou a oportunidade para explicar aos telespectadores madeirenses a importância da fé e da espiritualidade na vida humana. A Igreja Adventista do Sétimo Dia saiu prestigiada desta participação televisiva. Para ver o programa aceda a [www.rtp.pt/play/p565/e117133/madeira-viva](http://www.rtp.pt/play/p565/e117133/madeira-viva).

AD7/RA

## Congresso dos Ministérios da Mulher

De 21 a 23 de junho, realizou-se na Igreja de Lisboa-Central o Congresso Nacional dos Ministérios da Mulher. Sob o tema "Viver + Mulher", a irmã Denise Hochstrasser, Diretora dos MM da nossa Divisão, trouxe-nos mensagens muito femininas, inspiradas na Palavra de Deus, realçando o



valor da mulher nos seus diferentes ministérios. O Congresso iniciou-se na sexta-feira, com uma palestra trazida pela Diretora da Divisão, sendo também realizada uma singela cerimónia de homenagem a todas as ex-Diretoras e ex-Secretárias dos MM em Portugal. Na preleção pronunciada pela Dra. Maria Rosa Nunes recordámos os primeiros passos dados na implementação deste Ministério no nosso país. No Sábado, a Escola Sabatina foi moderada pela atual Diretora-Associada dos MM, a irmã Raquel Almeida, que contou com a preciosa colaboração da Pra. Hortelinda Gal, da Dra. Guida Esteves e da Dra. Maria Rosa Nunes. O sermão e a reunião da tarde estiveram ao cuidado da irmã Denise Hochstrasser. No domingo, foram realizadas reuniões de formação em Lisboa e Aveiro. Louvamos a Deus por esta oportunidade, por termos estado reunidas em Seu nome e encontrarmos na Sua Palavra alento e sabedoria para as diferentes responsabilidades que temos. Damos graças a Deus também pelo hino tema que o casal pastoral Pedro e Marta Esteves compuseram para o Congresso. Neste Congresso vivemos, sem dúvida, momentos inspiradores.

Milu Cordeiro & Raquel Almeida  
Direção dos MM da UPASD

## Convenção da ASI Europa

Portugal acolheu, pela primeira vez, uma convenção da ASI Europa. A *VII ASI Europe Convention* contou com mais de 330 pessoas, vindas de 20 países. A ASI é uma associação Adventista de empresários e profissionais liberais. Esta associação foi fundada em 1947, nos EUA, e chegou à Europa em 1998. Ela tem por objetivo apoiar a missão global da Igreja Adventista do Sétimo Dia, bem como partilhar o Evangelho em ambiente profissional. Desde que foi instituída em Portugal, em 2008, a ASI já apoiou financeiramente diversos projetos missionários leigos. No Sábado, o principal dia da convenção, a Sala do Arquivo do Centro de Congressos da Alfândega do Porto estava lotada para ouvir o Pr. John Bradshaw, orador do programa *It Is Written*. Mais de 1300 pessoas responderam ao apelo deixado pelo pastor neozelandês: "É tempo de despertar a Europa!" Como é hábito nas con-





venções nacionais e internacionais da ASI, foram apresentados vários projetos missionários envolvendo diversas áreas (saúde, educação, serviço comunitário, evangelismo, entre outras), sendo disponibilizados pela associação fundos para a sua concretização. Nesta VII Convenção da ASI Europa foram apresentados, no total, 27 projetos, entre os quais 9 projetos portugueses. Para o seu financiamento, foram doados, na oferta de Sábado, 181 000 euros. Desta convenção resultou ainda a nomeação do Pr. Rene Metz como novo presidente da ASI Europa. A próxima convenção da ASI Europa está agendada para 2015, e será realizada na cidade de Budapeste.

Ad7News/RA

## Vila Franca de Xira

### Batismo em Vila Franca

A 11 de maio de 2013, a igreja de Vila Franca viveu um momento de grande alegria ao testemunhar a entrega de William Silva a Jesus. A igreja de Benavente cedeu gentilmente as suas instalações e, assim, foi possível concretizar o sonho deste jovem. O William começou a amar Jesus



ainda numa instituição evangélica, mas o Senhor, através da sua esposa e do estudo do trimensário da Escola Sabatina sobre a Epístola aos Gálatas, indicou-lhe a Igreja Adventista do Sétimo Dia como o lugar onde ele podia aprofundar as Escrituras e conhecer melhor o Salvador. Várias visitas assistiram à cerimónia e algumas aceitaram o apelo para conhecerem melhor Jesus, de modo a poderem tomar brevemente a decisão pelo batismo.

JD/Ad7news/RA

## Batismos em Sacavém

No dia 18 de maio de 2013, a igreja de Sacavém foi presenteada com oito novos membros, que se uniram à Igreja Adventista do Sétimo Dia por meio do batismo. Foram momentos de grande alegria, pois, nesse dia, a igreja foi pequena para conter todas as pessoas que quiseram estar presentes. A cerimónia foi enriquecida pela participação do Grupo Coral da igreja. A glória seja dada a Deus, pois apenas Ele pode tocar os corações para a operação das transformações evidenciadas pelos oito candidatos ao batismo.

EV/Ad7news/RA



## Póvoa de Santa Iria

### Batismo na Póvoa de Santa Iria



No passado dia 18 de maio de 2013 ocorreu, na igreja de Sacavém, a cerimónia de batismo da irmã Sara Sousa, realizada pelo Pastor Enoque Nunes. Foi um dia especial para o Grupo da Póvoa de Santa Iria, por mais uma alma ter decidido entregar-se a Jesus e testemunhado publicamente dessa entrega através da descida às águas batismais.

EV/Ad7news/RA

## Fundão

### Batismos no Fundão



A 8 de junho de 2013 foram batizadas na igreja do Fundão as irmãs Maria Adélia Salgueiro, Maria da Glória da Cruz e Etelvina Martins Duarte. As candidatas ao batismo foram preparadas pelo Pastor estagiário Luís Ferreira. O Pastor Artur Machado pregou o sermão batismal e o Pastor José Lagoa, como responsável pela Região Eclesiástica do Centro, realizou o batismo. Estiveram a assistir bastantes visitas e, em resposta ao apelo, várias delas expressaram a vontade de seguir Jesus.

LF/Ad7news/RA

## Coimbra

### Batismos em Coimbra

Os relógios marcavam o meio-dia do Sábado 25 de maio, quando o irmão Nuno Ribeiro desceu às águas do batistério da igreja de Coimbra. Tendo sido instruído nas doutrinas das Escrituras pela Obreira Bíblica Maria Del Carmen, o nosso irmão tomou a decisão de se entregar a Cristo. O Pastor José Lagoa realizou a cerimónia, após ter partilhado com a igreja uma reflexão tendo por base o seguinte texto: "Quem crer e for batizado, será salvo; mas quem não crer, será condenado" (Marcos 16:16). O exame ao candidato esteve a cargo do Ancião da igreja, o irmão João Craveiro. Terminando a cerimónia, o irmão Nuno Ribeiro agradeceu a Deus pela Sua bondade e à igreja pela simpatia Cristã que lhe tem demonstrado. Foi-lhe oferecido um livro do Espírito de Profecia e um ramo de flores.

Carlos Santos  
Departamento de Relações Públicas da IASD de Coimbra

# Fazendo DISTINÇÃO entre dias

Uma explicação de Romanos 14:5 e 6

## O problema

Na Epístola aos Romanos, o Sábado não é mencionado por Paulo. No entanto, no capítulo catorze, o apóstolo distingue entre dois tipos de crentes presentes na igreja de Roma, os “fracos” e os “fortes”, que adotam um comportamento divergente no tocante à observância de certos dias especiais. O texto diz o seguinte: “Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo. Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz. O que come, para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e, o que não come, para o Senhor não come, e dá graças a Deus” (Rom. 14:5 e 6). O que queria Paulo dizer quando sublinhou a total liberdade Cristã para se considerar um dia acima de outro dia ou para não se fazer qualquer distinção entre dias? Estava Paulo a descartar a observância do Sábado? Alguns estudiosos da Epístola aos Romanos sustentam que o apóstolo se referia efetivamente ao Sábado nesta passagem, tornando a sua observância numa questão não essencial para o Cristão. Assim, os crentes “fracos”

considerariam o Sábado diferente dos restantes dias, enquanto os crentes “fortes” tratariam o Sábado como qualquer outro dia da semana. Pode o Sábado ser legitimamente encontrado nesta passagem de Romanos 14:5 e 6? O que estava Paulo a dizer aos crentes da igreja de Roma? Para respondermos a estas questões, comecemos por compreender a realidade eclesial da comunidade Cristã em Roma.

## A Igreja Cristã em Roma

Não temos qualquer informação histórica direta sobre o modo como o Cristianismo foi introduzido em Roma. No entanto, sabemos que a cidade possuía uma grande comunidade judia, cujas sinagogas eram frequentadas por um bom número de “tementes a Deus” de origem gentia. Ora, este era um grupo que estava especialmente pronto a aceitar a mensagem Cristã. É interessante notar que, segundo Ambrosiaster, escritor romano Cristão do quarto século, os Cristãos romanos “abraçaram a fé de Cristo, embora sob o rito judeu, sem terem visto qualquer sinal de obras poderosas de qualquer um dos apóstolos” (*Pa-*

*trologia Latina* 17, col. 46). Assim, a sinagoga terá sido o ponto de partida do Cristianismo em Roma. Isto significa não apenas que uma parte da Igreja implantada em Roma era constituída por crentes de origem judaica, mas significa também que, entre os Cristãos gentios, terão sido os “tementes a Deus”, que frequentavam a sinagoga, que terão formado o núcleo inicial.

Na verdade, é quase certo que, por volta de 49 d.C., o Cristianismo tinha sido introduzido em Roma. Sabemos isto porque, na obra *Vida de Cláudio* (25.2), o escritor romano Suetônio, que foi secretário privado do imperador Adriano, afirma que o imperador Cláudio “expulsou os Judeus de Roma porque eles estavam constantemente a causar distúrbios devido à instigação de *Chrestos*. A maioria dos eruditos concorda que *Chrestos* é uma corrupção, aliás frequente, do grego *Christos*. Assim, Suetônio referia-se, provavelmente, a disputas no interior da comunidade judia por causa da proclamação, feita pelos primeiros Cristãos judeus chegados a Roma, de que Jesus era o *Chris-*

*Está o Sábado posto em causa em Romanos 14:5 e 6?*

tos, o Messias. Segundo Orosius, historiador Cristão do quinto século, na sua *História contra os pagãos* (VII.6.15), esta expulsão dos Judeus de Roma, sob as ordens de Cláudio, ocorreu no ano 9º do reinado do Imperador, isto é, no ano 49 da nossa era. Em Atos 18:2, Lucas confirma que “Cláudio tinha mandado que todos os Judeus saíssem de Roma”. A informação que colhemos de Suetônio e Orosius não implica, necessariamente, a dedução de que o Cristianismo teria chegado a Roma, pela primeira vez, imediatamente antes do édito de Cláudio, em 49 d.C., mas indica que, nessa época, ele já se achava efetivamente difundido entre os Judeus de Roma, a ponto de provocar conflitos ferozes entre os que mantinham a fé antiga e os que aderiam à fé em Cristo.

A expulsão de todos os Judeus de Roma em 49 d.C. implicou, também, a expulsão dos Cristãos judeus. Este facto afetou, sem dúvida, a Igreja Cristã em Roma. No entanto, a igreja de Roma não se desfez, o que mostra que, já nessa data, uma parte importante da Igreja era constituída por Cristãos gentios. Como resultado da expulsão dos Judeus e dos Cristãos judeus, os Cristãos gentios, que já faziam parte da igreja de Roma antes da expulsão, tomaram as rédeas da comunidade Cristã. Em termos teológicos isto significou, certamente, uma aceleração no movimento de afastamento da comunidade Cristã das suas raízes judias. Entretanto, após a morte do Imperador Cláudio, em 54 d. C., os Judeus puderam regressar a Roma. Quando a Epístola aos Romanos foi escrita (por volta de 56 d.C.), muitos dos judeus Cristãos, como o casal Áquila e Priscila (cf. Atos 18:1 e 2; Romanos 16:3), teriam regressado a Roma e voltado a integrar a comunidade Cristã da

cidade. No entanto, é certo que os Gentios continuaram a constituir uma parte significativa da igreja romana (cf. Rom. 11:13-32; 15:7-12). Certo é também que, quando a perseguição suscitada por Nero contra os Cristãos se desencadeou, em 64 d.C., os Cristãos em Roma eram “um grande corpo” (I Clemente VI.1), uma “imensa multidão” (Tácito, *Anais*, XV.44).

Assim, podemos estar convictos de que, quando Paulo escreveu a sua carta aos Romanos, por volta do ano 56, a Igreja Cristã de Roma era constituída tanto por judeus Cristãos, como por gentios Cristãos. Esta dupla faceta da igreja romana surge claramente patenteada no conteúdo da própria Epístola aos Romanos. Não há dúvida de que Paulo tinha em mente dirigir-se a Cristãos judeus quando escreveu a sua epístola. Esta conclusão impõe-se pelas seguintes razões: (1) ele saúda o casal judeu-Cristão Áquila e Priscila, bem como os seus “congêneres” Andronicus, Junia e Herodion no capítulo 16 (vv. 3, 7, 11); (2) ele dirige-se diretamente ao “Judeu” no capítulo 2 (cf. v. 17); (3) ele associa estreitamente os seus leitores com a Lei Mosaica (6:14; 7:1, 4); (4) ele designa Abraão como sendo “o nosso pai segundo a carne” (4:1); (5) ele emprega muito espaço da carta a discutir questões de interesse especial para o povo judeu: o seu pecado e a sua presunção do favor divino (2:1-3:8), o falhanço da sua Lei (3:19-20, 27-31; 4:12-15; 5:13 e 14, 20; 6:14; 7; 8:2-4; 9:30-10:8), a importância de Abraão, o seu “antepassado” (cap. 4), e o seu lugar no plano de Deus (cap. 9-11); e (6) finalmente, a presença de 15:7-12 mostra claramente que havia judeus Cristãos na igreja de Roma.

Mas também não há dúvida de que Paulo tinha igualmente em mente Cristãos de origem gentia ao escrever a sua Epístola: (1) na aber-

tura da sua carta, Paulo inclui os Cristãos romanos entre os Gentios a favor dos quais foi chamado a ministrar (1:5 e 6; cf. também 1:13-15; 15:14-21); (2) Paulo afirma que o seu argumento acerca do lugar dos Judeus no plano de Deus (11:11-24) é dirigido a “vós Gentios” (v. 13; e note a segunda pessoa do plural ao longo de todos os vv. 14-24); (3) o apelo de Paulo para que os Cristãos romanos “se recebam uns aos outros”, em 15:7, parece ser dirigido especialmente aos gentios Cristãos (cf. vv. 8 e 9); (4) as passagens de 11:13-32 e 15:7-12 também tornam claro que havia Cristãos gentios na igreja de Roma.

Portanto, estas considerações permitem-nos concluir que a Epístola aos Romanos foi escrita tendo em mente uma audiência constituída tanto por Cristãos judeus, como por Cristãos gentios. Por isso, Paulo afirma em 1:7 estar a dirigir-se a “*todos* os amados de Deus em Roma”. No entanto, é muito provável que, embora houvesse um considerável número de judeus Cristãos na igreja de Roma, os Cristãos gentios estivessem aí em maioria. Mas, entre os Cristãos gentios, boa parte deles poderia ser constituída por antigos “*tementes a Deus*” que tinham deixado a sinagoga para se juntarem à nova comunidade Cristã. Estes Cristãos gentios conheciam bem o Antigo Testamento, na versão grega dos *Setenta*.

### **Fortes e Fracos**

Paulo foi informado pelos seus contactos na igreja de Roma (cf. Atos 18:2; Romanos 16:3-16) da existência, nessa comunidade Cristã, de dois grupos, que designa como sendo os “fortes” (Romanos 15:1) e os “fracos” (Romanos 14:1). Estes grupos estavam envolvidos numa disputa teológica e Paulo procura solucionar ou miti-

gar a disputa existente entre eles. O que os separava? Os “fortes” comem carne, enquanto os “fracos” não consomem carne, mas apenas vegetais (Rom. 14:2). Os “fortes” bebem vinho, mas os “fracos” não o bebem (Rom. 14:21; cf. 14:17). Os “fortes” não fazem distinção entre os dias, enquanto os “fracos” valorizam uns dias mais do que outros (Rom. 14:5). A controvérsia sobre a observância de dias e a controvérsia sobre o consumo de carne e vinho parecem estar estreitamente ligadas. Assim, para compreendermos quais são os dias que podem ser ou não observados (Romanos 14:5 e 6) e qual a possível relação destes com o Sábado, é necessário que, primeiro, compreendamos os fundamentos da controvérsia sobre a alimentação. Por que razão os “fracos” consumiam apenas vegetais, abstando-se de carne e vinho?

O princípio da compreensão desta atitude encontra-se no paralelo existente entre Romanos 14:1-15:13 e I Coríntios 8-10. De facto, o problema abordado por Paulo nestas duas perícopes é o mesmo e há uma forte afinidade entre elas. Esta afinidade é patenteada nos seguintes traços: (1) em ambas as passagens, Paulo refere-se ao tema de se oferecerem ações de graças pela comida como legitimação para o seu consumo (Romanos 14:6; I Coríntios 10:30); (2) em ambas as passagens Paulo fala da necessidade de o Cristão se preocupar com o outro e da necessidade de colocar os interesses do outro acima dos seus próprios interesses (I Coríntios 10:24, 33; Romanos 15:13); (3) Paulo repete muitos dos mesmos temas e preocupações específicos: não devemos colocar uma pedra de tropeço no caminho do nosso irmão (I Coríntios 8:9; 9:12; Romanos 14:13, 21), existe o perigo de se destruir o fraco, por quem Cristo morreu

(I Coríntios 8:11; Romanos 14:15, 20), é expressa preocupação pela “edificação” da comunidade (I Coríntios 8:1; 10:23; Romanos 14:19; 15:2); (4) além disso, ambas as passagens ligam o princípio do cuidado com o outro especificamente com assuntos de alimentação e enfatizam que é melhor abdicar de práticas alimentares legítimas do que causar dano ao outro (I Coríntios 8:13; Romanos 14:21); (5) finalmente, há semelhanças de terminologia na discussão do problema em causa, como o uso do adjetivo “fraco” (I Coríntios 8:7 e 8, 10, 12; Romanos 14:1 e 2; 15:1) e do verbo “blasfemar” (I Coríntios 10:30; Romanos 14:16). Devemos ainda ter em conta que a Primeira Epístola aos Coríntios foi escrita por Paulo cerca de um ano antes da Epístola aos Romanos. Assim, as semelhanças existentes entre Romanos 14:1-15:13 e I Coríntios 8-10 explicam-se perfeitamente, se concluirmos que Paulo estava a lidar com o mesmo problema. Ora, em I Coríntios é claro que Paulo está a lidar com o problema do consumo, por parte dos Cristãos, de carne que foi sacrificada aos ídolos pagãos (I Coríntios 8:4, 7, 10; 10:19-21, 28). Assim sendo, podemos assumir como certo que esse era também o problema que os Cristãos romanos enfrentavam e que os tinha dividido em “fortes” e “fracos”. Esta questão era problemática, porque o Decreto Apostólico tinha claramente interdito a todos os Cristãos o consumo de carne consagrada aos ídolos (Atos 15:20, 29) e esta interdição era claramente aplicada nas Igrejas Cristãs do primeiro século (cf. Apocalipse 2:14, 20).

### **Koinós e akáthartos**

Ora, ao referir-se à questão alimentar que dividia os Cristãos de Roma, Paulo usa o adjetivo *koinós*

(Rom. 14:14) com o sentido que lhe era atribuído pelo Judaísmo hele-nista. Esta palavra é por ele oposta a *katharos*, “puro” (Rom. 14:20). O uso da palavra *koinós* é crucial para se compreender a questão que separava os Cristãos romanos. O que significava o termo *koinós*? Significava algo que era “comum” ou “profano”. Era usado pelos Judeus hele-nistas como um termo técnico para designar algo que não era “impuro” em si mesmo, essencialmente, mas que tinha ficado contaminado pelo contacto com algo ritualmente contaminador, e se tornara ritualmente impróprio para ser consumido (I Macabeus 1:47, 62; Flávio Josefo, *Antiguidades*, 12.112; 13.4; Atos 10:14). Portanto, os Judeus hele-nistas distinguiam entre *koinós* e *akáthartos*. Este último termo descreve, na versão grega dos *Setenta*, a carne que é essencialmente “impura” em si mesma e que era proibida para consumo humano pelas prescrições alimentares de Levítico 11 e Deuteronomio 14. Portanto, enquanto *koinós* designava algo que não era impuro em si mesmo, mas que se tinha tornado impuro por contaminação, *akáthartos* designava algo que era impuro em si mesmo, algo que era essencialmente impuro. Assim, *koinós* e *akáthartos* não são sinónimos, mas descrevem situações diferentes e claramente distintas. Portanto, é importante notar que Paulo não usa o termo *akáthartos* para designar o estado da carne que está a causar a divisão entre “fracos” e “fortes”. Ele usa a palavra *koinós*, que designava carne pura em si mesma que foi contaminada por contacto com algo ritualmente impuro.

Feita esta distinção, temos que ter presente que, para um Judeu, a carne consagrada aos ídolos era considerada *koinós*, “comum” ou “profana” (IV Macabeus 5:2; 7:6; Atos 10:15; 11:8 e 9; 15:20, 29).



Apóstolo Paulo

Na verdade, os Judeus da diáspora, que viviam em sociedades em que o Paganismo imperava, consideravam como “comum” – *koinós* – toda a carne que provinha de mercados pagãos, abstando-se de a consumir. Consideravam essa carne “comum” porque: (1) não tinha sido abatida segundo o processo *kosher* prescrito pelas Escrituras e (2) tinha sido ou podia ter sido previamente usada em ritos de adoração aos ídolos pagãos. Por estas duas razões, os Judeus da diáspora evitavam comer carne proveniente de ambientes pagãos, por não estarem seguros de que fosse “pura” (Daniel 1:8-16; Tobias 1:10-12; Judith 12:1-4, 19; Ester 14:17, LXX; Flávio Josefo, *Vita* 14, Mishná *Abot* 3:3). O mesmo se passava com o vinho. Os Judeus que viviam na diáspora abstinham-se de beber vinho produzido por pagãos, com receio de que tivesse sido profanado previamente pela prática pagã de oferecer o vinho como libação em ritos de culto dos ídolos (Dan. 1:3-16; Ester 14:17, LXX; Test. Rúben 1:10; Test. Judá 14:14; Mishná *Abodah Zarah* 2:3). Estas duas restrições alimentares dos Judeus aplicavam-se, certamente, também aos Gentios “te-

mentes a Deus”, que se regiam igualmente pelos princípios de pureza alimentar.

Verificadas estas circunstâncias, é evidente que os Cristãos romanos de origem judaica que observavam os princípios de pureza alimentar seriam obrigados a abster-se de comer carne e de beber vinho, dado que, por terem sido expulsos da sinagoga e ostracizados pela comunidade judia, teriam impossibilitado o seu acesso a carne e a vinho *kosher*. Pois, seguramente, os talhantes e os vendedores de vinho Judeus recusar-se-iam a vender-lhes os seus produtos, dado que tinham abandonado a comunidade judia ao aderirem ao movimento Cristão. Aos Cristãos de origem judia, vinham certamente juntar-se Cristãos de origem gentia que tinham frequentado, anteriormente, a sinagoga como “teementes a Deus”. Eram estes Cristãos que constituíam o grupo dos “fracos” na igreja de Roma. Portanto, podemos afirmar, com toda a probabilidade, que o grupo dos “fracos” em Roma era integrado tanto por Cristãos de origem judia, como por Cristãos de origem gentia. A distinção entre “fracos” e “fortes” na igreja de Roma não correspondia estritamente à distinção entre Cristãos judeus e Cristãos gentios, mas atravessava ambos os grupos.

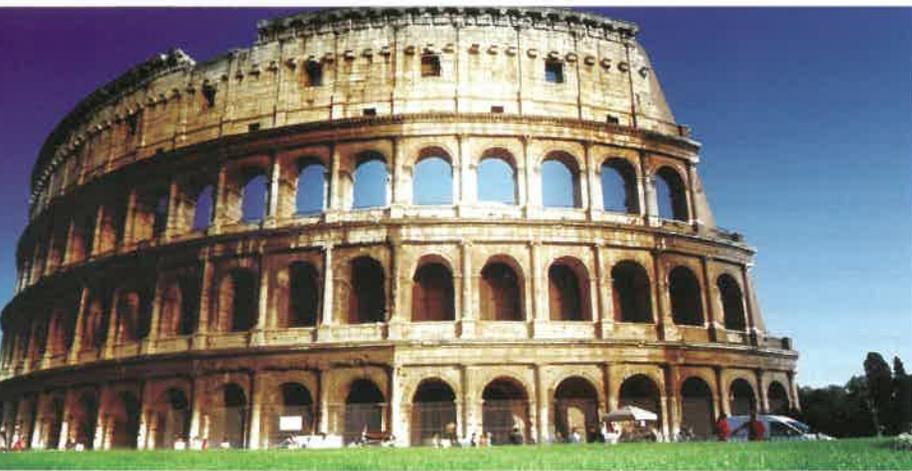
O problema que Paulo discute tinha sido suscitado certamente porque, por ocasião das refeições comunitárias na igreja, os “fracos” não comiam a carne que aí lhes era oferecida, já que não tinham a certeza de ela ter sido abatida de modo *kosher* ou porque temiam que tivesse sido comprada no mercado pagão, onde também se vendia carne sacrificada aos ídolos. Eles consideravam tal carne *koinós*. Era este escrúpulo de consumirem carne mesmo por ocasião dos repastos comunitários que

causava a divisão entre “fracos” e “fortes” na igreja de Roma.

Portanto, o que dividia a comunidade Cristã de Roma era uma discussão *halakica* (isto é, legal) sobre se a carne contaminada por práticas idólatras – tornada *koinós* – podia ser consumida pelo Cristão. Pode a carne que é “pura”, segundo as leis levíticas, mas que se tornou “comum”, por contaminação com a idolatria, ser consumida? Segundo a consciência dos “fracos”, não podia ser consumida. Segundo os “fortes”, podia ser consumida. Ambos os grupos seguiam os princípios da pureza ritual, mas os “fracos” tomavam uma posição de maior rigor e cautela. Por seu lado, Paulo argumenta que a carne contaminada pode ser consumida, porque está convencido de que “nenhuma coisa é *koinós* em si mesma” (Romanos 14:14). Ele pensava assim porque sabia que o estado de *koinós* da carne não era um estado essencial de impureza, mas era um estado de contaminação de carne essencialmente comestível, que podia ser revertido. Como? Pela dádiva de ação de graças (cf. I Timóteo 4:3-5).

### A distinção entre dias e a observância do Sábado

Agora que compreendemos qual era a questão que dividia os “fracos” e os “fortes” em termos alimentares, estamos em condições de perceber quais eram os dias que os primeiros observavam e que os segundos não observavam (Romanos 14:5 e 6). Estes dias, que eram observados por uns e não por outros, eram *dias de jejum*. Podemos afirmá-lo pelas seguintes razões: (1) Ao referir-se à observância ou não observância dos dias, Paulo recomenda que “cada um esteja inteiramente seguro no seu próprio ânimo” (Romanos 14:5). Isto mostra que não estava a falar de um dia



de adoração pública, mas de dias que cada um podia observar segundo a sua convicção pessoal. Seriam, pois, dias de jejum. (2) O contexto de todo o capítulo catorze mostra claramente que a questão da observância dos dias está relacionada com a abstinência alimentar. Assim, a menção de dias observados por uns e não por outros emana do mesmo espírito de que emanava a abstinência da carne. O facto de Paulo mencionar a questão da observância de certos dias juntamente com a questão da abstinência, de carne parece implicar que esses dias eram dias de jejum, de abstinência não apenas de carne, mas de todo o tipo de alimento. Portanto, o debate entre os “fracos” e os “fortes” da igreja de Roma não era apenas sobre o que comer, mas também em que dias comer ou deixar de o fazer. (3) Finalmente, temos que notar que Paulo coloca lado a lado o ato de “fazer caso do dia” com a atitude de comer ou não comer (cf. Rom. 14:6), o que indicia que o ato de “fazer caso do dia” mais não era do que não comer nesse dia. Assim, podemos concluir que os dias observados pelos “fracos” eram dias de jejum.

De facto, sabemos pela *Didaché*, uma obra Cristã do início do segundo século, que era recomendado que os Cristãos jejuassem e que o fizessem em dias diferentes dos dias de jejum dos Judeus. Os Judeus jejuavam dois dias por semana (cf. Lucas 18:12), à segunda e à quinta-feira, pelo que o autor

Cristão da *Didaché* (8:1) recomendava aos Cristãos que jejuassem à quarta e à sexta-feira. Esta prática do jejum seria bastante disseminada entre os Cristãos apostólicos, nomeadamente entre os Cristãos provenientes do Judaísmo, fossem eles Judeus de raça ou simples “tementes a Deus” de origem gentia. Assim, os “fracos” consideravam que a observância de certos dias de jejum era algo espiritualmente importante, enquanto os “fortes” consideravam todos os dias iguais, podendo-se observar o jejum em qualquer um deles ou em nenhum.

Podemos, então, concluir que Paulo não se estava a referir ao Sábado em Romanos 14:5 e 6. Além das razões que já apresentámos para determinar que se tratava dos dias de jejum, podemos ainda apresentar mais cinco razões que mostram que Paulo não poderia estar a pensar no Sábado na perícopa que temos vindo a analisar. Primeiro, Paulo não pode estar a referir-se ao Sábado, pois é notório que o tom que usa na sua Epístola não é polémico. Embora houvesse desacordo em relação à observância de dias na igreja de Roma, esse desacordo não era polémico. Sê-lo-ia certamente, se se tratasse de uma discussão sobre a validade da observância do Sábado. Segundo, toda a discussão diz respeito a algo que não é essencial para a fé Cristã, algo sobre o qual as Escrituras não oferecem uma solução clara. Ora, o Sábado era uma instituição fundamental determinada clara-

mente pelo Decálogo. Paulo tinha o mandamento divino diante dos seus olhos, pelo que, certamente, não diria que esse mandamento podia ser tratado pelos Cristãos à descrição da consciência de cada um, não fazendo diferença se era observado ou não. Tendo em conta o ambiente social e religioso do seu tempo, um tal ensino tornar-se-ia num motivo de divisão tão forte como o assunto da circuncisão (cf. Atos 21:21). Terceiro, Paulo tinha o máximo respeito pelo Decálogo, a Lei de Deus, que, para ele, era “santa, justa e boa” (Romanos 7:2). Quarto, o próprio Paulo, que se considerava estar entre os “fortes” (Romanos 15:1), tinha o costume de adorar ao Sábado (Atos 7:12; 18:4; 16:11-13). Ele não tinha qualquer dúvida sobre a validade do Sábado, pelo que dificilmente teria considerado o Sábado como algo de opcional, determinado pela consciência individual do Cristão. Quinto, se Paulo, que guardava o Sábado, se considerava “forte” (Romanos 15:1), devemos concluir que os dias observados pelos “fracos”, mas não pelos “fortes”, não podiam ter algo a ver com o Sábado. Pois, neste caso, Paulo não poderia ter-se considerado membro do grupo dos “fortes”, mas faria antes parte do grupo dos “fracos”.

Assim, concluímos que o Sábado não podia estar em questão na disputa entre os “fracos” e os “fortes” da igreja de Roma. A questão discutida dizia respeito à observância de dias de jejum, os quais eram observados pelos “fracos”, mas não pelos “fortes”. Portanto, podemos estar seguros de que o Sábado não está em causa na passagem de Romanos 14:5 e 6. ♣

• Paulo Lima

Redator da Revista Adventista



# A m5t3mát1c5 de Deus



No mês passado, discutimos o significado espiritual, na Bíblia, dos números Seis a Oito. Este mês, vamos continuar a nossa contagem, com a análise dos números Nove a Doze, procurando neles lições espirituais e entendendo o que têm para nos ensinar sobre o amor de Deus.

## O número Nove

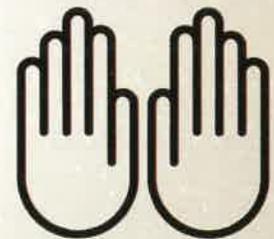
Na conclusão do artigo do mês passado, vimos a diferença que faz mais uma unidade, transformando a imperfeição do número Seis na perfeição do número Sete, e transformando o número Sete, símbolo da perfeição, em Oito, símbolo de recomeço. Este mês, proponho começar por adicionar mais uma unidade ao Oito, obtendo, dessa forma, o número Nove. O Nove pode ser visto como um símbolo numérico dos frutos do Espírito.<sup>1</sup> O novo nascimento (representável pelo Oito) deve ser seguido por “frutos”, que se esperam bons, pois, como Jesus afirmou, “*pelo fruto se conhece a árvore*” (Mateus 12:33). Coincidência ou não, Paulo menciona nada menos do que nove frutos do Espírito, em Gálatas 5:22: “amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansi-

ção, temperança.” E volta a apresentar nove dons espirituais, em I Coríntios 12:8-10: “sabedoria, ... ciência, ... fé, ... dons de curar, ... operação de maravilhas, ... profecia, ... dom de discernir os espíritos, ... variedade de línguas, ... interpretação das línguas.” Finalmente – e deparando-nos, mais uma vez, com uma coincidência intrigante –, podemos encontrar exatamente nove bem-aventuranças, em Mateus 5:3-12.

## O número Dez

É compreensível a simpatia especial que nós, seres humanos, temos pelo número Dez. Afinal, temos dez dedos nas mãos e nos pés. Jamais ouvimos falar, por exemplo, de uma lista dos *Top 9* ou dos *Top 8*, mas listas dos *Top 10* são comuns. Também na Bíblia encontramos várias listas com dez elementos. Algumas, talvez,

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e verificar o que estes podem significar para a nossa fé.



fruto de coincidência e outras, provavelmente, deliberadas:

- Existiram dez Patriarcas desde Adão até Noé, tendo então ocorrido o Dilúvio (Gênesis 5:3-29), e, novamente, dez Patriarcas desde Sem, filho de Noé, até Abraão (Gênesis 11:11-27).
- O Egito sofreu o efeito de dez pragas.

- O povo tentou Deus dez vezes, conforme registado em Números 14:22.
- Em Lucas 19:13 são chamados dez servos, sendo-lhes dadas dez minas, e o servo fiel é recompensado, no final da história, com autoridade sobre dez cidades (v. 17).

Existem, pelo menos, dez condições do ser humano que não lhe permitem “herdar o reino de Deus” (I Coríntios 6:10): “Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus.”

- Existem, pelo menos, dez coisas que, segundo Paulo, não nos podem “separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 8:38-39): “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura.”

Nos tempos bíblicos, em Israel, dez pessoas constituíam o número mínimo de testemunhas requeridas para oficializar uma cerimónia de casamento.<sup>2</sup> Este facto dá um significado adicional à conhecida parábola das dez virgens, narrada em Mateus 25. Em princípio, as dez virgens eram necessárias para a celebração das bodas, mas as bodas acabaram por se realizar apenas com cinco. Uma forma de nos lembrar de que somos importantes, mas não indispensáveis, para o cumprimento dos planos de Deus.

Claro que a lista mais famosa com dez elementos é a dos Dez

Mandamentos, em que o Criador procurou transmitir, de forma didática e com amor, mas também de forma prática, a essência do Seu carácter através da Sua Lei. Os Dez Mandamentos são formados por quatro mandamentos relativos à nossa relação com Deus e seis mandamentos relativos à nossa relação com o próximo.

Por último, em relação à importância bíblica do número Dez, resta dizer que temos o privilégio de devolver a Deus, no dízimo, uma décima parte de todos os bens materiais que Ele nos concede (Malaquias 3:10).



Terra Prometida. No entanto, a sua falta de fé traiu-os, obrigando-os a vagar quarenta anos no deserto para percorrer o caminho que se podia cobrir em apenas um dia (Deuterónimo 1:2). Como é desoladora a nossa vida sem fé!



### O número Onze

Como já foi comentado em artigos anteriores, uma unidade faz muita diferença. Assim, encontramos o número Onze entre a familiaridade do Dez e a perfeição do Doze. O Onze é um número relativamente raro na Bíblia, aparecendo apenas 38 vezes no total.<sup>3</sup> Quando chegou a Cades-Barneia, após onze dias de jornada desde Horebe, o povo de Israel estava apenas a um dia de jornada da



## O número Doze

O número Doze representa o bom governo – orientado por Deus – dos assuntos terrestres (Êxodo 28:21). O povo de Israel estava organizado em doze tribos. Mesmo existindo, na verdade, treze tribos, apenas doze são consideradas nas listas genealógicas de Israel. As tribos descendem dos doze filhos de Jacob, porém dois filhos de José foram abençoados pelo seu avô, recebendo estatuto semelhante ao dos filhos de Jacob (Gênesis 48:5). A partir deste momento, passaram a existir treze tribos. No entanto, a tribo de Levi, devido ao seu estatuto de tribo sacerdotal, não é contada na lista das tribos, nem recebeu o mesmo tratamento que receberam as outras tribos. Por exemplo, não teve direito a herdar parte da terra conquistada, mas apenas se lhe deram algumas cidades de Israel. Doze pedras adornavam o peitoral do sumo-sacerdote, cada uma com o nome de uma das tribos de Israel.<sup>4</sup> Com doze anos apenas, podia-se encontrar Cristo “assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os” (Lucas 2:46). Jesus escolheu doze apóstolos. Após a traição de Judas, o grupo de apóstolos ficou incompleto, pelo que uma das primeiras iniciativas dos seguidores de Cristo, após a Sua morte, foi escolher um substituto, para que o simbolismo do número doze se mantivesse. O escolhido foi Matias (Atos 1:15-22). Finalmente, no culminar da história do Grande Conflito, o número doze e o seu simbolismo têm um certo protagonismo. Quando a santa Jerusalém descer do Céu (Apoca-



lipse 21:10), ela apresentará “um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. [...] E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. E Aquele que falava comigo tinha uma cana de ouro, para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro. E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto como a sua largura. E mediu a cidade com a cana até doze mil estádios” (Apocalipse 21:12-16).

### Conclusão

Vimos como o número Nove parece estar ligado aos bons frutos de uma vida Cristã. Também vimos como está ligado às bem-aventuranças proferidas por Jesus. Mas devo lembrar que algumas destas relações podem não passar de meras coincidências. É certo que não deixam, por isso, de ser interessantes e intrigantes. No caso das bem-aventuranças, se consultarmos outros textos bíblicos que reproduzem

o mesmo Sermão de Jesus, constatamos que nem sempre são relatadas nove bem-aventuranças. Por exemplo, em Lucas 6:20-23, há apenas quatro bem-aventuranças. Considerando o número Dez, somos remetidos para o dízimo. A este propósito, Deus faz-nos uma das promessas mais incríveis e mais levemente reclamadas de toda a história bíblica. Em Malaquias 3:10, Ele desafia-nos a validar a promessa de que irá “abrir as janelas do Céu, e ... derramar sobre nós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolhermos”.

Que Deus possa guiar a nossa jornada e ter a nossa permissão para fazer cumprir as Suas promessas na nossa vida! ♦

• **Miguel Mateus**

*Engenheiro em Eletrotécnica –  
Telecomunicações e Eletrônica  
Mestre em Investigação Operacional  
Grau de MBA – Master in Business  
and Administration*

1. F. Vallowe, *Biblical Mathematics*, 1998, p. 88.
2. *Idem*, p. 91.
3. Robert Johnston, *Numbers in the Bible*, p. 80.
4. F. Vallowe, *Biblical Mathematics*, 1998, p. 83.

# A tendinite

O que é a tendinite e como se pode prevenir?

A tendinite é a forma de o seu corpo lhe dizer: “Já chega, é de mais!” Está a pôr demasiada carga ou stresse nesse músculo ou articulação.

Os tendões são tecidos que seguram os músculos aos ossos. Quando os músculos se contraem, os tendões reagem, provocando o movimento. A tendinite é a inflamação do tendão. Esta condição provoca dor e sensibilidade ao toque nas regiões à volta de uma dada articulação. Pode acontecer no tendão de qualquer músculo, mas é mais comum que aconteça em músculos que trabalham em torno de articulações, tais como o ombro, o cotovelo, o punho e o tornozelo. A reparação dos tecidos será rápida (48 a 72

horas), se os “estragos” forem pequenos ou ocasionais. Mas a dor e a inflamação poderão tornar-se crónicas, se a lesão ocorrer frequentemente, por não se evitar a sua causa, ou se essa lesão não for tratada atempadamente.

## Principais causas

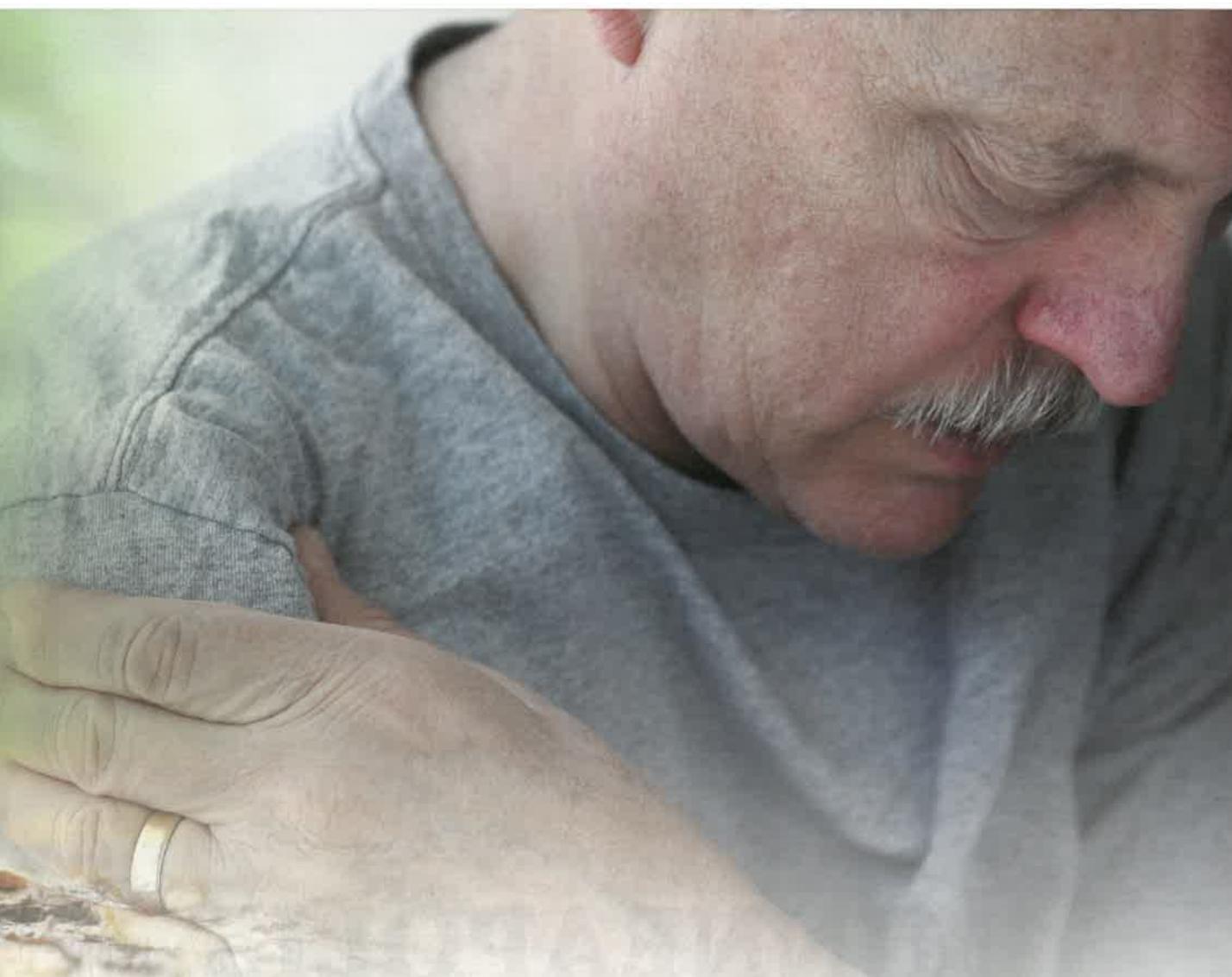
Uma tendinite pode ser causada por um movimento brusco ou por um movimento com demasiada carga, mas o mais provável é que ocorra devido à repetição de um determinado movimento feito durante demasiado tempo. A maioria das pessoas desenvolve tendinite, porque o seu trabalho ou a sua prática desportiva envolvem a realização de movimentos repetitivos ou de movimentos

com tensão muscular mantida, a qual sobrecarrega os tendões.

## Prevenindo a Tendinite

Executar o movimento com a técnica apropriada, tendo em conta a velocidade, a biomecânica, a postura e a ergonomia do espaço e dos utensílios, é importante para prevenir lesões, quando se executam movimentos repetitivos relacionados com desporto ou trabalho. O principal objetivo da prevenção deverá ser a mudança de hábitos. Seguidamente, damos uma lista de novos hábitos para todos aqueles que estão sujeitos ao risco de contraírem tendinite:

- **Mude de atividade.** Evite realizar uma determinada tarefa ou um movimento



durante muito tempo. O ideal é organizar o trabalho ou a atividade desportiva por forma a poder variar as tarefas ou funções ao longo do tempo ou com intervalos.

- **Melhore a qualidade do movimento.** Se a forma como faz determinado movimento ou atividade não for a mais correta, poderá estar a contribuir para o aparecimento de problemas nos tendões. Considere a necessidade de procurar ajuda profissional, seja na sua atividade desportiva, seja no seu trabalho (por exemplo, treinadores, fisioterapeutas, ergonomistas e técnicos de saúde, higiene e segurança no trabalho).

- **Alongue sempre.** É importante, porque normaliza a tensão muscular e aumenta o fluxo sanguíneo. Isso irá maximizar a amplitude de movimento das suas articulações e preparará os músculos para enfrentarem o stress e a carga. Também ajudará a diminuir o risco de micro-traumas de repetição em tecidos tensos. Alongue antes e depois da realização da atividade. Para aqueles que realizam atividades repetitivas e prolongadas no tempo, deveria haver intervalos para poderem alongar. Não demora muito (apenas 20 a 30 segundos em 3 repetições).
- **Tenha atenção à postura.** Se possível, aconselhe-se com um

fisioterapeuta, ergonomista ou técnico de saúde, higiene e segurança no trabalho, de forma a ajustar o seu local de trabalho, tendo em conta a sua altura e a distância dos objetos que necessita de manusear. Poderão ser ajustadas pequenas coisas, como o assento, a secretária e a arrumação de ferramentas/ utensílios.

Esperamos que este pequeno artigo tenha chamado a atenção do leitor para uma questão que, muitas vezes, passa despercebida à maioria das pessoas, até ao dia em que aparece a primeira dor. Lembre-se de que... prevenir é o melhor remédio! ✨

• **Pedro Casaquinha**  
Fisioterapeuta



# MINNEAPOLIS

## 125 anos depois

**A**o estudarmos a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, deparamo-nos com diversos eventos que foram determinantes no processo do seu desenvolvimento e organização. Entre eles, destacamos os seguintes:

1831 – Início da pregação pública de William Miller sobre a “proximidade do Advento”.

1844 – O Grande Desapontamento e a restauração da observância do Sábado.

1863 – Estabelecimento da Conferência Geral da Igreja ASD.

1866 – Criação do Instituto Ocidental de Reforma da Saúde.

1901 – Reorganização administrativa da Igreja ASD.

1907 – Apostasia de John Kellogg.

1919 – Realização da Conferência Bíblica, a fim de discutir as doutrinas da Igreja.

1957 – Publicação do livro *Questões sobre Doutrina*.

1980 – A Igreja ASD vota o seu conjunto de crenças fundamentais.<sup>1</sup>

Outras datas importantes poderiam ser adicionadas a esta lista, mas, com exceção do ano de 1844,<sup>2</sup> nenhum outro evento na história da Igreja teve mais impacto sobre o seu rumo e o seu destino do que a experiência vivida na 27ª Assembleia da Conferência Geral, realizada na cidade de Minneapolis, no estado do Minnesota, de 17 de outubro a 4 de novembro de 1888. Nenhum outro acontecimento despertou tantos debates e diferentes interpretações como esta assembleia. Nada de semelhante tinha ocorrido antes e nada

## A assembleia de 1888 foi um dos mais importantes acontecimentos na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

até hoje lhe pode ser comparado.<sup>3</sup>

Contudo, apesar da sua importância, a referida assembleia foi marcada por aspirações e impulsos contrários à vontade de Deus, com intenções e ânimos polarizados, que causaram um clima de discussão acirrada entre os seus participantes.

Esta atmosfera ocorreu à medida que certos assuntos foram apresentados pelos oradores do evento. As primeiras nuvens de discórdia surgiram a partir do estudo sobre dois temas: Os irmãos do Leste (Michigan) criam que os Hunos eram um dos reinos de Daniel 7 e que a lei mencionada em Gálatas 3:19-25 era a lei cerimonial judaica. Por outro lado, os irmãos do Oeste (Califórnia) defendiam uma nova interpretação, ou seja, que os Alamanos, e não os Hunos, eram referidos em Daniel 7, e que a lei indicada em Gálatas era a Lei moral dos Dez Mandamentos.

A nova interpretação foi encarada pelos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia como uma traição aos princípios hermenêuticos sustentados pela tradição Adventista, gerando-se assim um espírito combativo entre as duas facções. De um lado, estavam os tradicionalistas, liderados por Uriah Smith e George Butler, do outro lado estavam os inovadores, liderados por Alonzo Jones e Ellet Waggoner.

### A atuação de Ellen G. White

Ao relatar a sua experiência na assembleia de Minneapolis, Ellen White afirma que “foi pela fé”<sup>4</sup> que se aventurou a participar no evento. Com 61 anos, fora acometida de uma doença no seu lar, em Elmshaven, na Califórnia. Ela

relatou o seu estado de espírito: “Não sentia nenhum desejo de recuperar-me. [...] Não tinha forças nem sequer para orar, nem qualquer desejo de viver. Descansar, só descansar, era o meu desejo; estar em silêncio e descansar. Ao encontrar-me por duas semanas vítima de uma prostração nervosa, tinha esperado que nenhuma graça do Céu viesse em meu favor. Quando chegou a crise, a impressão era de que morreria. Esse era o meu pensamento. Mas essa não era a vontade do meu Pai Celestial. O meu trabalho ainda não tinha terminado.”<sup>5</sup>

Sentada e pensativa, lembrou-se dos votos solenes que tinha feito junto à cama do seu esposo, James White; votos para vencer o inimigo, dirigindo um apelo constante e fervoroso aos irmãos. Era chegado o momento de cumprir esses votos.<sup>6</sup> Sendo assim, a 2 de outubro de 1888, na companhia da sua secretária, Sara MacEnterfer, e do seu filho, o pastor William C. White, Ellen White entrou no comboio, a fim de viajar durante oito dias até à cidade de Minneapolis.

Logo no início da reunião, Ellen White notou um comportamento um tanto estranho entre os delegados e os participantes, uma atitude jamais vista entre os seus amigos pastores. “Preocupava-a o facto de essa atitude ser tão diferente do espírito de Jesus, tão contrária ao espírito que devemos exercer uns para com os outros.”<sup>7</sup> Esta atitude foi designada por ela como “o espírito de Minneapolis”, sendo este marcado por: (a) sarcasmo e zombaria; (b) predomínio da crítica; (c) inveja, suspeita, ani-

mosidades e ciúmes; (d) sentimentos e atitudes bruscas e duras; (e) intoxicação com o espírito de resistência à voz do Espírito Santo. Em síntese, o espírito de Minneapolis foi descortês e anticristão.

### Defesa do Sábado

Uma das principais causas da polémica surgida com a discussão do tema da justificação pela fé foi a defesa do Sábado. É importante salientar que, após a experiência do Grande Desapontamento, os Adventistas passaram a crer que a sua Igreja tinha sido estabelecida por Deus com o propósito de reparar a brecha na Lei de Deus, ou seja, de restaurar o Sábado do Senhor e apresentá-lo perante a Humanidade. A observância do Sábado era a prova divinamente ordenada para comprovar se os que professavam amar a Deus O amavam realmente.

No entanto, a partir da década de 1860, alguns eventos históricos tiveram uma repercussão negativa

Uriah Smith



entre os membros da Igreja. Nesse mesmo ano, surgiu a Associação Nacional da Reforma, com o propósito de conservar Cristã a América do Norte, sendo o seu objetivo principal proteger a santidade do domingo. Em 1882, as autoridades da Califórnia prenderam o pastor William C. White, o filho mais novo do casal White, por ele ter ordenado que a gráfica da *Pacific Press* trabalhasse ao domingo. Porém, o auge da crise dominical ocorreu quando o senador de New Hampshire, H. W. Blair, submeteu no Senado dos Estados Unidos uma emenda constitucional para cristianizar as escolas públicas e sancionar a legislação dominical em todo o país.

Nas primeiras três décadas da sua existência, os Adventistas do Sétimo Dia eram muito conhecidos pela sua convicção na defesa dos princípios da Lei de Deus. “Um



G. I. Butler

dos principais argumentos do Adventismo em apoio dos Dez Mandamentos era a sua posição sobre as duas leis: a cerimonial, anulada na Cruz, e a moral, que é eterna. Esta abordagem era tão essencial para a teologia Adventista que Uriah Smith escreveu em 1884: 'Caso seja possível provar que esta



A. T. Jones

distinção entre as duas leis não existe, a observância do Sábado desaparece imediatamente da lista de deveres Cristãos. [...] Não existe, portanto, questão mais vital para os interesses dos observadores do Sábado'.”<sup>9</sup>

Uma das passagens mais importantes que gerou divergências de interpretação foi Gálatas 3:24 e 25, onde Paulo afirma: “De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados pela fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio.” Quando eram questionados pelos Cristãos evangélicos quanto ao “aio” citado por Paulo nestes versículos, os Adventistas tinham uma resposta pronta: tratava-se da lei cerimonial.

Até ao início da década de 1880, os pastores e os membros da Igreja compreendiam este texto dessa forma. Mas, a partir daquela data, a interpretação sobre a lei em Gálatas e a compreensão do tema da justificação pela fé reapareceram na agenda da Igreja. Os dois assuntos voltaram à mesa da discussão por causa, principalmente, das severas críticas dirigidas pelos evangélicos aos Adventistas.

Muitos opositores rotulavam os Adventistas de legalistas, porque estes esquadriavam a Bíblia, a fim de encontrar apoio para a sua crença na perenidade do Sábado. Os opositores perguntavam:

“Porque não pregam Cristo?” Certamente Cristo é o personagem central de cada doutrina bíblica e uma religião sem Cristo não é a religião da Bíblia. Cristo tornara-se secundário e a justificação pela fé fora perdida de vista, devido a uma vida religiosa exterior, sem experiência vital.<sup>10</sup>

Nessa época, Ellen White fez notar que “como povo, pregámos a Lei até nos tornarmos tão áridos como os montes de Gilboa, que não tinham orvalho nem chuva”.<sup>11</sup> Por outro lado, ao escrever para a revista *Signs of the Times*,<sup>12</sup> ela afirmou que, por mais de quarenta anos, tinha proclamado da sua escrivãzinha a Salvação aos pecadores e o seu coração sensibilizava-se por eles com piedosa compaixão.

### Defesa da justificação pela fé

Numa atmosfera permeada por conflitos pessoais e doutrinários, Ellen White entrou em cena para apaziguar os ânimos, mediar os debates e defender os princípios da Palavra de Deus. Embora não tenha falado sobre a justificação pela fé em qualquer uma das suas vinte mensagens, estava convencida de que os temas ministrados pelos pastores Waggoner e Jones eram verdades de Deus para a Sua Igreja.

Ellet Waggoner





Ellen White

Em muitos momentos, enquanto falavam, ela manifestava-se por meio de frequentes “améns”.

As mensagens apresentadas por estes dois pastores exaltavam Cristo e apontavam para a Salvação que Ele oferecia. Punham “de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentavam a justificação pela fé no Fiador; convidavam o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus”.<sup>13</sup>

Entretanto, o repetido apoio da profetisa às mensagens de Jones e Waggoner expôs Ellen White às mesmas críticas dirigidas contra os dois pastores, ou seja, a crítica de que ela estava a diluir o poder da mensagem Adventista, ao enfatizar a justiça de Cristo de uma tal maneira que muitos encontravam uma nova interpretação para Gálatas 3:25.<sup>14</sup> Além disso, alguns pioneiros criam que essa nova interpretação vinha reforçar o pensamento antinomista, que defendia que a Lei moral tinha sido abolida com a morte de Cristo na Cruz.

Percebendo que tal interpretação ameaçaria as colunas doutrinárias do Adventismo, os líderes da

Igreja instaram com Ellen White para que tomasse posição sobre o assunto da justificação pela fé. Em resposta, ela afirmou: “Não posso tomar partido por nenhum dos lados enquanto não estudar o assunto.”<sup>15</sup> De facto, “Ellen White tinha nova luz para os delegados da Conferência Geral sobre o assunto de Gálatas, mas essa luz, conforme ela mesma declarara repetidas vezes, era que eles precisavam de estudar mais a Bíblia e não confiar em qualquer outra forma de autoridade, ao procurar compreender as Escrituras”.<sup>16</sup>

### Conclusão

Apesar dos seus conflitos, a assembleia de Minneapolis marcou o começo de uma nova etapa de esclarecimento e de avanço na história do Adventismo. Vale a pena destacar que tal experiência não terminou em derrota, mas resultou numa mudança de rumo em direção à vitória final.

A compreensão e a vivência da mensagem da justificação pela fé entre os Adventistas do Sétimo Dia promoveram um forte crescimento nas suas fileiras. Novas missões e novas igrejas foram organizadas. Centenas de escolas foram abertas e a obra de Deus avançou de uma forma grandiosa.

Entretanto, resta-nos ainda uma pergunta: Que lições podem ser extraídas deste evento? (1) Precisamos de vencer “o espírito de Minneapolis”. “Os Adventistas sabiam como contender uns com os outros a respeito de questões doutrinárias e pessoais, mas não sabiam como aprender humildemente uns com os outros, ou como trabalhar com respeito e amor Cristão com aqueles de quem diferiam”;<sup>17</sup> (2) como Cristãos, precisamos de crescer no conhecimento da Palavra de Deus e de fazer dela a nossa “única regra



de fé e de doutrina”;<sup>18</sup> (3) assim como o foi para os membros da Igreja, em 1888, Jesus Cristo é a nossa grande necessidade hoje. A mensagem da justificação pela fé em Cristo deve ocupar lugar especial na nossa pregação e no nosso testemunho pessoal. “Falemos, oremos e cantemos a esse respeito, e isso quebrantará e conquistará corações.”<sup>19</sup> ♡

• Renato Stencel

Diretor do Centro de Pesquisa  
Ellen White, no Brasil

1. Patrick, A. N. in Ferch, A. J. (ed.), *Towards Righteousness by Faith: 1888 in Retrospect*, Warburton: Signs Publishing Company, 1989, VI, p. 10.
2. *Ibid.*, p. 11.
3. Froom, L. E., *Movement of Destiny*, Washington, D.C.: Review and Herald, 1971, p. 187.
4. White, E. G., MS 24, “Looking back at Minneapolis”, dezembro de 1888.
5. White, E. G., MS 2, “Engaging in Worldly Speculation”, 7 de setembro de 1888.
6. White, E. G., MS 21, “Distressing experiences of 1888”, novembro de 1888.
7. White, E. G., MS 24, “Looking back at Minneapolis”, dezembro de 1888.
8. Knight, G. R., *A mensagem de 1888*, Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2003, pp. 64 e 65.
9. *Ibid.*, p. 36.
10. Froom, L. E., *Op. cit.*, p. 239.
11. White, E. G., *Review and Herald*, 11 de março de 1890.
12. White, E. G., *Signs of the Times*, 22 de dezembro de 1887.
13. White, E. G., *Testemunhos para Ministros*, pp. 91 e 92.
14. Reid, G., *Assuntos Contemporâneos em Teologia*, Apostilha preparada para o programa de pós-graduação do SALT – Brasil Sul, 16 de janeiro de 1998.
15. White, E. G., “Morning Talk”, 24 de outubro de 1888.
16. Knight, *Op. cit.*, p. 62.
17. *Ibid.*, p. 196.
18. White, E. G., *Review and Herald*, 17 de julho de 1888.
19. White, E. G., *Review and Herald*, 2 de junho de 1903.

## O resgate final

### Palavras de esperança para os tempos mais difíceis

**E**ncontrei pela primeira vez o Bill há 17 anos. Desde essa altura, e durante os anos que passaram, conversámos frequentemente acerca dos seus temas favoritos: ter visão, ser otimista, vencer a adversidade, ter fé em Deus e fazer a diferença neste mundo. Aqueles que conheceram o Bill sabem bem que ele era apaixonado pela vida e tinha a paixão de tornar outras vidas melhores.

Nos últimos meses da sua vida, o Bill e eu conversámos regularmente, muitas vezes semanalmente. Numa das nossas conversas, pressenti que a doença do Bill estava em fase terminal e que ele, provavelmente, não tinha muito mais tempo de vida. Aquela conversa final ficou gravada na minha mente para sempre. Falámos sobre o facto de que, em última análise, Jesus iria triunfar sobre todos os poderes do inferno e a morte seria finalmente derrotada. Gostaria de mencionar aqui alguns dos pensamentos que partilhei com o Bill naquele dia, bem como acrescentar mais algumas reflexões.

A morte não é um mistério por resolver. Não é um buraco negro no solo. Não é uma longa noite sem manhã. Jesus defrontou o

espectro da morte há dois mil anos e venceu. Na vida de Jesus há três episódios em que Ele Se confrontou com a morte. E embora as lições que daí podemos retirar sejam antigas, elas falam-nos, com uma relevância crescente, no século vinte e um. Elas são sempre novas, sempre frescas, e comunicam sempre esperança e conforto às novas gerações.

#### Episódio nº 1 – A morte de Lázaro

Lázaro, o amigo de Jesus, contraiu uma doença súbita e morreu inesperadamente. O mais curto versículo bíblico – “Jesus chorou” (João 11:35) – encontra-se nesta história. Porque chorou Jesus? Uma razão é simplesmente esta: Ele identificou-Se com a dor no coração das duas irmãs de Lázaro, Maria e Marta. As Suas lágrimas falam-nos de um Salvador que compreende as nossas lágrimas.

Jesus identifica-Se com a nossa dor. Ele compreende o nosso desgosto. Ele experiencia a nossa mágoa. Ele empatiza connosco no nosso sofrimento. Ele é nosso companheiro na tribulação. Quando o nosso coração é partido, o Seu coração também é partido. Quando sofremos, Ele sofre

também. Quando Maria e Marta choraram, Jesus chorou também. Ele partilha as nossas lágrimas.

Jesus não apenas chora, mas tem o poder divino de fazer algo acerca da morte de Lázaro. Jesus declara a Marta: “Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?” (João 11:40). Estas palavras ecoaram ao longo dos séculos, até chegarem aos nossos tempos: *Crê e verás a glória de Deus.*

Nós não vimos o nosso amigo Bill pela última vez. Nas catacumbas debaixo de Roma, gravadas nas sepulturas pagãs, estão estas palavras magoadas: “Adeus, meu amor, para sempre.” Em pleno contraste, as sepulturas Cristãs vibram com palavras de esperança. Para nós, é “Adeus, até à manhã da ressurreição.” Creia, e também verá a glória de Deus. Você não viu o seu ente querido pela última vez. Pronunciando algumas das palavras mais poderosas de toda a Bíblia, Jesus clamou “com grande voz: Lázaro, sai para fora!” (João 11:43). A morte foge diante das palavras de Jesus; o túmulo entrega o seu morto perante as palavras de Jesus; Satanás treme perante as palavras de Jesus; Lázaro ergue-se em resposta às palavras de Jesus; e a morte é vencida pelas palavras de Jesus! Eis algo de que podemos



## Morte e Ressurreição

ter a certeza absoluta: Jesus nunca perdeu uma batalha contra a morte. E Ele não irá perder a batalha contra a morte no que diz respeito ao Bill. A ressurreição de Lázaro é um tipo da ressurreição de todos os crentes, que ocorrerá na vinda do nosso Senhor.

### Episódio nº 2 – O testemunho de Jesus

A ressurreição de Jesus Cristo fala-nos de um Salvador que tem poder sobre a morte, mesmo sobre a Sua própria morte. “Eu sou o que vivo e fui morto”, diz Ele, “mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amén. E tenho as chaves da morte e do inferno” (Apocalipse 1:18). Não precisamos de temer a morte, porque Jesus tem as chaves da sepultura. Venha comigo a um lugar chamado Calvário, num entardecer de sexta-feira, há dois mil anos. Era uma sexta-feira muito escura. O Sol recusava-se a brilhar. Ouviam-se os trovões. Luziam os relâmpagos. Naquela sexta-feira escura, Pedro negou o Salvador. Judas traiu-O. Os Judeus desertaram-n'O. Os discípulos abandonaram-n'O e os Romanos crucificaram-n'O. Eles tiraram da cruz o Seu corpo quebrado e coberto de sangue. E as esperanças dos discípulos foram esmagadas. *Mas aquela sexta-feira escura foi seguida por uma brilhante manhã de domingo.* Jesus ressuscitou de entre os mortos. A morte foi derrotada. O inimigo foi vencido. E a sepultura já não retém a sua vítima. E, porque Jesus vive, os nossos entes queridos voltarão a viver.

### Episódio nº 3 – Jesus vence a morte para sempre

A vitória de Jesus fala-nos de um conquistador com um poder

final e duradouro sobre a morte. O apóstolo Paulo fala sobre a nossa esperança final nestas palavras: “Porque o mesmo Senhor descerá do Céu, com alarido e com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor” (I Tessalonicenses 4:16 e 17). Jesus vai voltar. O último inimigo será derrotado. A morte desaparecerá para sempre. “Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? [...] Mas, graças a Deus, que nos dá a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo” (I Coríntios 15:54 e 55, 57).

Na minha última conversa com o Bill, falámos sobre a Eternidade. Falámos sobre o Céu. Falámos sobre a vida sem fim. E as minhas palavras como pastor e como amigo foram mais ou menos estas: “Bill, não estás só. Cristo está contigo e um dia, em breve, meu amigo, irás vê-l'O face a face.”

O salário do pecado é a morte. Mas Deus, o Único que é imortal, concederá vida eterna aos Seus remidos. Até àquele dia, a morte é um estado inconsciente para todas as pessoas. Quando Cristo, que é a nossa vida, Se manifestar, os justos ressuscitados e os justos vivos serão glorificados e arrebatados para o encontro com o seu Senhor. A segunda ressurreição, a ressurreição dos ímpios, ocorrerá mil anos mais tarde. (Rom. 6:23; I Tim. 6:15 e 16; Ecl. 9:5 e 6; Sal. 146:3 e 4; João 11:11-14; Col. 3:4; I Cor. 15:51-54; I Tes. 4:13-17; João 5:28 e 29; Apoc. 20:1-10.)

*Os Adventistas do Sétimo Dia Creem*, Sacavém, Publicadora Atlântico, 1989, p. 332.

### Os momentos finais do Bill

À medida que o Bill encarava os últimos momentos da sua vida, a sua esposa, Bonnie, e os seus filhos, Bart e Brad, reuniram-se à volta da sua cama. A Bonnie pediu que se colocasse a tocar o CD de Wintley Phipps com hinos religiosos. Ela queria que a mensagem de um velho hino familiar estivesse na mente do Bill, enquanto ele estava entre a vida e a morte. Em breve, as palavras de um hino familiar inundaram o quarto: “Quando caminhares através de uma tempestade, mantém a tua cabeça erguida e não tenhas medo da escuridão!” A mensagem do hino é que, independentemente do que temos que defrontar, *nunca* caminhamos sós.

Durante a nossa vida e na morte, em Jesus, e através de Jesus e por causa de Jesus, nunca caminhamos sós. Um dia, vê-l'O-emos regressar. A nossa esperança está alicerçada na certeza de que o mesmo Jesus que ressuscitou de entre os mortos e venceu o túmulo está prestes a voltar para nos levar para o lar! ✨

• **Mark A. Finley**  
Evangelista

# A estátua simpática

**E**ra uma vez um príncipe, conhecido por ter mau feitio e andar sempre zangado. No seu aniversário, o pai quis oferecer-lhe um presente, mas também dar-lhe uma lição. Então, chamou um escultor ao palácio e pediu-lhe que fizesse uma estátua, o mais parecida possível com o seu filho. Até na sua expressão antipática! “É para ele perceber como é desagradável!”, disse. Quando viu a estátua pronta, o rei ficou muito contrariado. Afinal, ele tinha pedido uma estátua com a expressão carrancuda, mas a que lhe foi entregue, embora parecida com o príncipe, tinha uma expressão simpática, com olhos doces e boca sorridente. – Sr. Escultor, não foi isto que eu lhe pedi! O meu filho é triste e resmungão. Fisica-

mente a estátua está parecida com ele, mas não na expressão.  
– Meu rei – respondeu o escultor – saiba vossa majestade que, desta forma, o nosso príncipe vai entender que era assim que gostaríamos de o ver!  
Quando, na festa de aniversário, o príncipe recebeu a sua prenda, olhou para a expressão da estátua e, de facto, compreendeu a mensagem. Por isso, no seu discurso, anunciou:  
– Meu querido pai e meus queridos súbditos, a partir de agora passarei a ter este belo sorriso! Serei o príncipe que merecem!  
É fácil criticar e apontar os defeitos dos outros. Mas, se realmente queremos a sua amizade, é muito melhor ajudá-los a mudar. Nada como um sorriso para o conseguir!



## Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

ago 2013 Agenda

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sabado
28	29	30	31	1 João 1:4	2 Baruch (Jeremias 36, 43, 45) Estuda a lição da Escola Sabatina.	3 Salmo 34:5 Fala sobre Jesus com um amigo.
4 Salmo 36:5	5 Romanos 6:23	6 I Pedro 1:4	7 Mateus 24:13	8 Apocalipse 2:10	9 Ezequiel (Ezequiel 1-3) Diz à tua família que a amas.	10 Isaías 60:20
11 Isaías 42:16 DIA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE	12 Lucas 9:23	13 Lucas 22:27	14 Isaías 48:17	15 I Reis 8:36	16 Daniel (Daniel 1 e 2, 6)	17 Êxodo 3:7 Escreve um poema sobre o Sábado.
18 Colossenses 1:12	19 João 8:12	20 Isaías 58:11	21 Efésios 3:20	22 Isaías 44:22	23 Sadrach, Mesach e Abed-nego (Daniel 3) Ouve o teu hino favorito.	24 Isaías 41:17 Escreve um bilhete agradável ao teu Pastor.
25 Isaías 49:10	26 Salmo 89:15	27 Hebreus 13:24 Procura o significado do teu nome.	28 Zacarias 14:1	29 I Samuel 16:3	30 Nabucodonosor (Daniel 4)	31 II Reis 17:39 Acorda cedo este Sábado.

Vamos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não tenhamos ouvido falar. Podés pedir ajuda aos teus pais ou aos teus amigos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!



## Curvatura do Tempo no Muro das Lamentações

**H**á dois anos levei o meu filho a Israel, tendo eu pregado em Jerusalém e, no Sábado seguinte, em Tel Aviv. Foi impecável: Um Judeu a pregar em Jerusalém e, ainda por cima, no Sábado do sétimo dia. Não é uma imagem que, quando estava a crescer, associasse a mim mesmo.

Entre reuniões, ficámos parados, uma manhã, diante do Muro Oeste do Monte do Templo. Fomos com Elhanan ben Abraham, um Judeu crente em Jesus que, 33 anos antes, me tinha batizado no Rio Jordão, na Galileia. Enquanto ali estávamos à sombra do antigo muro, um Judeu ortodoxo aproximou-se e perguntou se éramos Judeus. Quando respondemos que sim, ele perguntou se queríamos “atar um *tefillin*”. Concordámos em fazê-lo. Atar um *tefillin* é um ritual em que se enrola, com fios, uma caixa negra no braço e outra na testa. Está baseado em Deuteronomio 6:8: “Também as atarás por sinal na tua mão e te serão por testeira entre os teus olhos.” Em cada caixa estão porções da *Torah*, excertos de Êxodo e de Deuteronomio. Após as caixas estarem colocadas no lugar apropriado, recitam-se algumas bênçãos em Hebraico, incluindo uma que se pode traduzir assim: “Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, que nos santificaste com os Teus Mandamentos e nos ordenaste que usássemos *tefillin*.”

Após termos acabado, Elhanan e eu começámos a testemunhar da nossa fé. Perguntámos-lhe acerca do Messias, e fizemo-lo saber que acre-

ditávamos que o *Mosiach* (“Messias” em *Yiddish*) já tinha vindo e que Ele é Jesus de Nazaré. Lembro-me de o Judeu ter erguido a palma da sua mão e depois tê-la projetado em direção ao chão, como se lançando a ideia por terra. Alguns homens, que também eram Judeus ortodoxos, aproximaram-se de nós e começámos uma discussão e tanto. Esta tornou-se intensa, mas nunca descontrolada, e acabámos por vir embora.

Apenas mais tarde, a partir da perspectiva variada que a passagem do tempo dá a qualquer evento, é que me apercebi do caráter incrível do que acontecera: *Ali estávamos nós, Judeus, 2000 anos após a Cruz, na área do Templo de Jerusalém, e discutindo sobre o facto de Jesus ser o Messias!*

Ora, ora!

Pense em toda a História que já se desenrolou desde os dias em que Estêvão, ou Paulo, ou Pedro ou qualquer outro dos primeiros crentes em Jesus estiveram nesta área, a mais ou menos 50 metros quadrados de onde nós estávamos, e fazendo o mesmo que nós. Nações e impérios vieram e passaram, substituídos por outras nações e impérios, que também vieram e passaram. Grupos étnicos inteiros surgiram e desapareceram. Novos continentes foram “descobertos” e novas religiões foram lançadas, enquanto religiões antigas se evaporavam. Quando Pedro e João falavam acerca de Jesus na mesma área em que nós o fizemos, o mundo ainda tinha que esperar 1500 anos por Copérnico, 1600

anos pelos *Principia* de Newton e mais de 1900 anos pelo *iPhone*.

Embora fosse mínima a diferença do espaço entre o lugar onde estávamos a falar com outros Judeus sobre Jesus e o lugar onde Pedro, Tiago e João o tinham feito, talvez mensurável em metros, a diferença no tempo era tão vasta, as mudanças no mundo tão monumentais, que seria como se estivéssemos em Planetas diferentes, e não à distância do lançamento de uma pedra.

No entanto, apesar do desenrolar de séculos que se transformaram num milénio e, mesmo, em quase dois milénios, ali estávamos nós, Judeus, nos terrenos do Templo, testemunhando e argumentando com outros Judeus acerca de Jesus de Nazaré. É como se todos aqueles longos anos nunca tivessem acontecido. Uma curvatura do Tempo no Muro das Lamentações.

A mensagem do primeiro anjo diz o seguinte: “E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o Evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a Terra, e a toda a nação e tribo e língua e povo” (Apoc. 14:6). É o Evangelho eterno, a esperança da vida eterna, “o qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos” (Tito 1:2). O núcleo do Evangelho é a intemporalidade. Assim, quer seja pregado nas montanhas da Patagónia ou proclamado no ar pela Rádio Mundial Adventista ou, mesmo, debatido entre Judeus à sombra do Muro das Lamentações, no ano 50 d.C., ou no ano 2011 d.C., a verdade do Evangelho permanece a mesma, e fomos chamados, como outros antes de nós, para a proclamarmos! ❖

• Clifford Goldstein

Editor do Manual da Escola Sabatina



## II Conferência Consciência e Liberdade

A Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa (AIDLR-Pt), organização apoiada pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, realizou no passado dia 28 de maio a sua II Conferência *Consciência e Liberdade*, em organização conjunta com a Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Lisboa. *Consciência e Liberdade* é o nome da publicação periódica que serve de órgão oficial de divulgação da AIDLR.

O tema proposto para apresentação e discussão foi: *Estado e Religião: entre a ética da cidadania e a espiritualidade do indivíduo*. Foram convidados como confe-

rencistas a Dra. Dora Bognandi, responsável pelo Departamento de Liberdade Religiosa da União Italiana, dirigente da AIDLR-Itália e especialista em relações Estado-Igreja, que se centrou na perspectiva do Estado em defesa da liberdade de religião; e o Pastor Paulo Renato Garrochinho, que expôs os princípios de uma ética de cidadania, de acordo com uma proposta Cristã.

A conferência contou com o comentário final do Dr. Paulo Mendes Pinto, Coordenador da Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona.

O Dr. Joaquim Franco, jornalista da SIC e investigador na área de Ciência das Religiões,

recebeu o Prémio *Revista Consciência e Liberdade*, pelo seu trabalho *Da Liberdade Religiosa à Urgência do Diálogo – A Experiência do Diálogo*.

O júri justificou a sua opção da seguinte forma:

*“Na sua análise, procurou o Júri basear a sua avaliação segundo a relevância, o contributo e a atualidade dos textos propostos em função da temática da Liberdade Religiosa. Nessa medida, o texto vencedor apresenta uma reflexão fundamentada e original sobre a importância do fenómeno religioso no mundo contemporâneo, partindo dos mais mediáticos casos de tensão religiosa nos últimos anos e apresentando o diálogo como fundamento da ‘inevi-*



Joaquim Franco, Vencedor do prémio *Consciência e Liberdade* 2013

*tabilidade da liberdade religiosa na defesa do bem comum'.*

Para além dos agradecimentos às personalidades de quem mais influência recebeu, Joaquim Franco apresentou os fundamentos e pontos principais do seu texto, através de uma alocução sobre casos sensíveis da atualidade, relacionados com o fenómeno religioso, apontando o caminho do diálogo e do entendimento para se alcançar um verdadeiro respeito pela liberdade religiosa.

No final da Conferência, o Dr. Maurice Verfaillie, Secretário-Geral da AIDLR entre 1995 e 2005, foi homenageado pela Secção Portuguesa, pelo seu esforço e trabalho em favor da Liberdade Religiosa e pela sua intervenção no desenvolvimento da Associação em Portugal.

Foi ainda assinado um Protocolo de Cooperação entre a AIDLR e a Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, através do qual as partes concordaram na prossecução de objetivos na defesa e promoção da Liberdade Religiosa, nomea-

damente nas áreas de investigação académica, organização da conferência e do prémio anual *Revista Consciência e Liberdade*.

A realização desta Conferência anual tem sido um instrumento útil para a reflexão sobre matérias relacionadas com a liberdade religiosa, colocando pessoas de diversos campos do saber e de diferentes experiências de profissão e de vida a discutir a importância do respeito pelas liberdades de consciência, de culto e de religião. A revista *Consciência e Liberdade* cumpre, desta forma, o seu papel de divulgação dos princípios de liberdade religiosa, ao mesmo tempo que mostra ser um meio de aprofundamento do conhecimento sobre esta matéria e veículo de promoção destes valores, tão caros à AIDLR, mas também ao movimento Adventista e a tantas pessoas que se têm juntado a esta iniciativa em prol da sua defesa. ✨

**• Paulo Sérgio Macedo**  
Departamento de Liberdade  
Religiosa e Assuntos Públicos  
UPASD



Departamentos

Veja estes e outros recursos que a sua Igreja lhe oferece!



Juventude

[www.adventistas.org.pt](http://www.adventistas.org.pt)



A SUA **IGREJA**  
NA INTERNET

Instituições



Comunicação

